

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS II

CENTRO DE HUMANIDADES - PRAI

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - D.H.G.

DISCIPLINA: Prática de Ensino em História de 1º e 2º Graus

COORDENAÇÃO DA PRÁTICA: Eronides Câmara Donato

ORIENTADOR: José Apolinário Do Nascimento

ALUNA: Adelândia Gomes Farias

PERÍODO 98.1

# **POR AMOR À HISTÓRIA**

Trabalho apresentado Por  
ADELÂNDIA GOMES FARIAS, no  
Estágio Supervisionado, Orientado pelo  
professor José Apolinário do  
Nascimento.



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

“Um dos ofícios do historiador é tornar a História inteligível, portanto, não odiosa, para que ninguém sabe eu em que tribunal da história possa alguém dela querer se vingar”

MARC FERRO

Dedico este relatório em especial a meu filho Vanildo Silva Júnior, que é a minha vida e esperança. Que me fez acreditar que a vida é bela como um arco-íris, revelando o colorido de nossa existência e as múltiplas possibilidades de realizações.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTO</b>	01
<b>INTRODUÇÃO</b>	02
<b>CAPÍTULO I - PLANEJAMENTO DE ENSINO: UMA INTEGRAÇÃO ENTRE A ESCOLA E O MEIO SOCIAL</b>	03
<b>CAPÍTULO II - AVALIAÇÃO: UMA BORDAGEM CRÍTICA</b>	11
<b>CAPÍTULO III - A EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DE ENSINO</b>	23
1 - Preparação do Estágio	23
a - A Professora de Prática de Ensino e as Recomendações	23
b - A Visita à Escola	24
c - Os Contatos Com o Professor Apolinário	25
2 - A Realização do Estágio	26
a - O Contato com os Alunos	26
b - As Aulas Ministrada na 6ª A	26
c - As Aulas Ministrda no 3ª B	28
d - Aspectos Negativos e Positivos	31
3 - Sugestões	34
a - Para a Professora de Prática	34
b - Para os Futuros Estagiários	34
c - Quanto ao Horário do Estágio	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	35
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	36
<b>ANEXOS</b>	
Plano de Unidade	
Plano de Aula	
Textos	
Mapas	

## AGRADECIMENTOS

À DEUS,

Por ter me dado a vida, força, sabedoria e sobretudo a perseverança para prosseguir nesta tão sofrida comunidade. OBRIGADO MEU DEUS!

À MEU FILHO,

Vanildo Júnior. Que é a fonte de toda minha inspiração. E que me fez acreditar que os sonhos podem ser transformados em realidade. Depende de nós.

À MEU ESPOSO,

Vanildo Silva. Uma pessoa da qual amo muito, que com sua paciência e humildade, incitou-me a lutar, a romper com os diversos obstáculos manifestados durante essa caminhada. A você Vanildo, toda minha gratidão e meu amor.

À MINHA FAMÍLIA,

Meus Irmãos Nino e Nova e em especial aos meus Pais: Terezinha e Argemiro, pela paciência e compreensão que me dedicaram durante o curso.

Agradeço a Universidade Federal da Paraíba, através do Centro de Humanidades, e do Departamento de História e Geografia que proporcionaram a realização do Curso.

À ERÔNIDES CAMARA DONATO,

Coordenadora do Curso de História e Geografia.

À ESCOLA,

Escola Estadual de 1º e 2º Grau Ademar Veloso da Silveira, nas figuras de sua diretoria, professorado e principalmente o alunado, que se abriram para essa excitante experiências de Aprender a Ensinar.

AO PROFESSOR APOLINÁRIO,

Meu orientador da Prática de Ensino e sobretudo uma pessoa muito especial. Pois, durante meses Apolinário foi muito mais do que um orientador, e sim um amigo.

À TURMA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO,

Ana, Cecília, Elizeuda e Rita: os meus sinceros agradecimentos pela amizade.

À ERISTOW,

do Laboratório História e Geografia, pela colaboração nas atividades desenvolvidas na prática de ensino.

## INTRODUÇÃO

Este relatório pretende descrever a experiência vivenciada no decorrer do estágio supervisionado da Prática de Ensino em História, realizada no Colégio Estadual de 1ª e 2ª Grau Ademar Veloso da Silveira, localizado em Bodocongó, no período de julho a setembro de 1998.

Espero que minhas experiências sirvam de lição para formar um novo professor, mais consciente e participativo, que busque sempre as veridades do conhecimento frente ao alunado, contribuindo assim, para conceber um cidadão com uma consciência crítica mais apurada.

Este trabalho constitui o relatório da disciplina Prática de Ensino da Universidade Federal da Paraíba, como exigência de Conclusão de curso.

O presente relatório está dividido em três partes consecutivas: a primeira, trata sobre o planejamento escolar; a segunda, a avaliação do ensino - aprendizagem; a terceira, trata do estágio supervisionado em história, com o seguinte roteiro: primeiro, a preparação do estágio; segundo a realização do estágio; terceiro, a avaliação dos aspectos negativos e positivos; quarto, as sugestões para futuros estagiários.

Finalmente, após o relatório apresentamos os anexos: planos de unidades, planos de aulas, textos e os exercícios.

Esperamos ter atingido os objetivos que a disciplina de Prática de Ensino nos impõe para o conclusão do curso.



## CAPÍTULO I

### PLANEJAMENTO DE ENSINO: UMA INTERAÇÃO ENTRE A ESCOLA E O MEIO SOCIAL

O objetivo deste capítulo é trabalhar o planejamento de ensino nas escolas de ensino fundamental, com a preocupação de incentivar o professor - aluno a fazer um planejamento adequado à realidade social.

Ao longo desse trabalho, serão levantados alguns pontos fundamentais: como e para que planejar, que pensamos ser de fundamental importância.

Tendo como base esses fatores, o que significa o planejamento? Para Libâneo:

*“O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas e coordenação em fase dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino”.<sup>1</sup>*

O planejamento nesse aspecto, não é só um meio para programar ações mas, principalmente um momento de pesquisa e reflexão, intimamente ligado à avaliação. Já para Abreu e Masseto:

*“... Um plano de ensino, portanto é a apresentação, sob forma organizada, do conjunto de decisões, tomadas pelo professor em relação à disciplina que se propõe a lecionar. É feito, portanto, antes do curso iniciar efetivamente...”*

*Neste sentido, os próprios alunos participavam mais ou menos das atividades, das decisões do professor sobre o curso”.<sup>2</sup>*

Tomando suporte para o nosso diálogo um conceito utilizados por Abreu e Masseto, compartilhar. Começamos a entender que no planejamento de ensino os

---

<sup>1</sup> LIBANEO, José Carlos. Didática. São Paulo: ed. Cortez, 1994. p.133.

<sup>2</sup> C.F. ABREU. M<sup>a</sup> Célia de MASSETO. Marcos Tarcisio MG. Editora Associados. 1987. pag.16.

alunos tem sua participação, a partir de suas experiências, sejam elas adquiridas ou na escola ou na realidade social.

O aluno é um agente que pode contribuir para a formulação do planejamento. Só que os docentes precisam deixar mais espaço para que os estudantes possam manifestar as suas idéias na sala de aula.

A partir dessa observação feita, compreendemos que a tarefa de planejar não é difícil. Para isso, faz-se necessário que o professor - aluno e a comunidade estejam comprometidos com o sistema educacional. Planejar dessa forma, significa pensar em conjunto, tomar decisões que garantam a educação dos alunos.

*“... Planejar é preparar bem cada ação e acompanhar a sua realização e avaliar o ocorrido para tomar decisões”.*<sup>3</sup>

Achamos, que antes de ser “fecundado” o planejamento, cabe ao professor conhecer previamente a realidade em que o aluno encontra-se inserido. Para justamente desenvolver as diversas atividades no cotidiano escolar.

Na vida escolar, o que percebemos em linhas gerais, são verdadeiros planejamentos de ensino, desvinculado da realidade do alunado. O professor tem que ter consciência que é o cotidiano do aluno, que podem ser formulados temas para serem discutidos em sala de aula.

Durante praticamente dois meses que estivemos estagiando no Colégio Estadual de Bodocongó, em nenhum momento havia alguém para fazer referências ao plano da escola, como, se esse fato não existisse. Sabemos que todas as escolas possuem um planejamento, só que ele é um elemento à parte onde apenas os educadores têm acesso. Em nenhuma circunstância o estagiário vai ter acesso a esse “elemento pois os diretores, tem medo das críticas que por ventura possam surgir”.

O planejamento de ensino deve ser um ato pedagógico que reflete a missão do professor, o posicionamento diante do mundo da educação, que apresenta uma organização de decisões estabelecida pelo educador depende muito das condições em que ocorrerá o processo de ensino.

---

<sup>3</sup> FARIAS, Etelvina Maria Vicente dos Anjos. *Modulo M. Metodologia do Ensino Superior*. Brasília, 1996, pag.110.

O planejamento não deve ser um elemento inflexível, burocrático, feito para cumprir prazos determinados, rotular, mas um ponto fundamental para efetivar as ações que tenham com os métodos tradicionais.

Nas escolas de ensino fundamental, o planejamento mesmo sendo realizado semestralmente ou anualmente, se caracteriza por possuir métodos totalmente conservadores, difíceis de serem compreendidos pelos alunos.

Na prática pedagógica atual, o processo de aprendizagem tem sido objeto de constantes indagações, quanto a sua validade, como efetivamente instrumento de melhoria qualitativa do trabalho do professor. As razões de tais indignações são múltiplas e se apresentam em níveis diferentes na prática docente.

A vivência do cotidiano escolar nos tem evidenciado situações bastante questionáveis neste sentido. Percebe-se que os objetivos educacionais propostos nos currículos dos cursos apresentam-se confusos e desvinculados da realidade social do aluno.

Os conteúdos são definidos de forma autoritária, pois, os professores não participam dessa tarefa. Nessas condições, tendem a mostra-se sem significados com as experiências de vida dos alunos, seus interesses e necessidades.

Percebe-se também, que os recursos disponíveis para o desenvolvimento do trabalho didático, tendem a ser considerados como simples instrumentos ou ilustração de aulas, reduzindo-se dessa forma a equipamentos e objetivos, muitas vezes até indesejadas aos objetivos e conteúdos utilizados.

Com relação a metodologia utilizada pelo professor, observa-se que este tem se caracterizado pela predominância de atividades transmissora de conhecimento, sem análise crítica dos conteúdos. O aluno sob essa situação tem se mostrado passivo ao invés de ativo, onde seu posicionamento é bloqueado quando deveria ser estimulado. A avaliação, por outro lado, tem simplesmente reduzido ao ritual de provas periódicas, através das quais é verificada a quantidade de conteúdos assimilados pelo aluno e não o que realmente aprendeu.

Completando esse quadro de desacertos, observam ainda, que o professor assumindo sua autoridade institucional, termina por direcionar o processo ensino-aprendizagem de forma isolada dos condicionantes presentes no dia-a-dia dos alunos.

Diante dessa argumentação é que são formulados os conceitos, que disciplina torna-se chata, decorativa. São vários os alunos que fazem este tipo de afirmação.

O verdadeiro professor comprometido com a educação dos alunos, certamente utilizará de novos mecanismos de trabalho, que faça de sua aula um momento de lazer para aprendizagem. Acreditamos, que é dessa forma que a educação contribuirá para um futuro certo.

No método tradicional o professor está muito mais preocupado em fazer o aluno decorar dados e conteúdos do que proporcionar ao mesmo um momento de reflexão, acerca do conteúdo.

O verdadeiro professor comprometido com a educação do aluno, vai com certeza fazer jus a sua profissão, procurando formas, métodos para trabalhar o conteúdo com o seu aluno, de formas dinâmica e questionadora.

Sabemos que nas escolas públicas existem vários problemas que inibem o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Em primeiro lugar, encontramos uma falta de estrutura, isso significa dizer, que por mais que o professor seja um agente transformador, alguns empecilhos vão dificultar a realização de suas atividades. Na sala de aula, como sabemos, mal o professor possui o giz, não existe livro didático, bibliografia e outros meios diferentes daqueles utilizados constantemente. Além desses problemas, a falta de um salário digno, termina por afastar também o professor do seu compromisso com o aluno. O professor, acreditamos, tem que ser bem remunerado para sentir-se recompensado nas suas atividades diárias. Isso não é real e se constitui numa regra do sistema educacional, um vez que a educação sempre foi colocada no discurso como prioridade, quando na realidade fica em posição secundária, graças ainda a lei que obriga a aplicação de recursos na faixa de 25% das receitas. Temos que encarar o problema de frente e trabalhar para mudar essa situação. O primeiro passo, sem dúvida vai ser o compromisso realmente assumido do professor com o aluno. A partir desse lado de comprometimento, a escola, terá condições de oferecer o mínimo de consciência e reflexão ao aluno, quanto aos direitos de todos.

Faz-se necessário ainda que na sala de aula o professor-aluno mantenha laços de afetividade. É a partir das trocas das experiências, da amizade, que a aula torna-se um momento desejado por todo.

As diversas escolas, quando se faz uma referência ao planejamento de ensino, a idéia que se possa é aquela que identifica o processo através do qual são definidas os objetos, conteúdos e procedimentos a serem utilizados no curso.

Ao que nos parece, esse processo do todo social tem gerado a concepção de planejamento incapaz de denominar e facilitar o trabalho didático.

Entendermos, que o planejamento deve ser dirigido para uma ação pedagógica crítica e transformadora, que possibilite ao professor maior segurança para lidar com a relação educativa que ocorre na sala de aula e na escola. Neste sentido, o planejamento adequado se caracteriza pela ação pedagógica direcionada de forma a se integrar ao contexto do educando, buscando transformá-lo.

Numa perspectiva crítica da educação, a instituição escolar tem o significado de local de acesso ao saber acumulado. Segundo Saviani:

*“A escola existe para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rendimentos desse saber”<sup>4</sup>*

Os conteúdos que constituem esse saber elaborado, não poderão ser considerados de forma estática. Pois, trata-se de conteúdos dinâmicos e por isso, articulados dialeticamente com a realidade histórica. Neste sentido, precisa ser conduzido a transmitir a cultura acumulada, contribuindo assim, para a produção de novos conhecimentos.

Produzir conhecimentos, neste aspecto, significa também fazer reflexões permanentemente, sobre os conteúdos desenvolvidos, desenvolver atividades de curiosidades, de investigação da realidade. Não aceitando os conhecimentos “prontos” e “acabados” de escola. Nessa concepção, a questão do planejamento de ensino não poderá ser compreendida de maneira mecânica, desvinculada da escola e do social. Em vista disso, os conteúdos a serem trabalhados através do currículo precisam estar relacionados com as experiências de vida dos alunos. Esta, relação inclusive, mostra-se como condição necessária para que ao mesmo tempo em que

---

<sup>4</sup> SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo: Cortez. 1988. pag.

ocorria a transmissão de conhecimentos, proceda-se a sua realização, com vista à produção de novos conhecimentos. O resultado dessa relação será a aplicação do aprendido sobre a realidade, no sentido de transformá-la.

Dessa maneira, afirmamos que a tarefa de planejar passa a existir como uma ação pedagógica essencial ao processo de ensino, superando sua concepção mecânica no contexto do trabalho docente.

Para que a escola realize um novo tipo de planejamento mais globalizante, faz-se necessário que haja um processo integrado entre duas realidades: escola e sociedade. Isso, significa dizer, que as atividades educativas seriam planejadas tendo como base a problemática sócio-cultural, econômica e política do contexto onde a escola está inserida.

O planejamento de ensino nessa perspectiva estaria voltado para a transformação de sociedade no sentido de torná-la mais justa e igualitária.

Na prática, esse planejamento se efetivaria pela integração de todos (professor, aluno e sociedade), os setores da atividade humana, numa ação globalizante, com vista à solução dos problemas comuns.

É preciso que haja realmente uma participação de vários componentes no processo educativo, como: especialistas, professores, alunos, todos envolvidos no processo educacional. O interessante nesse contexto, é que esses componentes tenham a oportunidade de fazer em estudo real da escola, em suas relações com o contexto social. É necessário, pesquisar o cotidiano dos alunos, as suas práticas, objetivando identificar o que eles querem, sabem, vivem e fazem.

Portanto, a identificação dos temas ou problemas, que se mostram mais importantes para os educadores, constituem fator relevantes, para os educadores, na definição do material da realidade a ser estudada no decorrer do processo de ensino.

Feito esse diagnóstico da realidade do aluno, o passo seguinte procede à organização do trabalho didático, definindo os objetivos a serem perseguidos, a sistematização do conteúdo e a seleção dos procedimentos de ensino a serem utilizados.

No processo de ensino transformador, o professor não poderá deixar-se conduzir por objetivos que explicitem somente a aquisição do conhecimento. Na

definição dos objetivos, será essencial a especificação dos diferentes níveis de aprendizagem.

Os objetivos, em um processo transformador, precisam estar voltados para a reelaboração e produção de conhecimento. Para tanto, deverão expressar ações, tais como: a reflexão crítica, a curiosidade científica, a investigação e criatividade. Os conteúdos a serem estudados, como já fazem parte do currículo escolar, deverão passar por uma análise crítica com vistas à identificação daquilo que representa o essencial e o que representa o secundário a ser aprendido. Neste caso, o critério básico para efetivar essa distinção deverá ser a própria realidade concreta dos educandos, a partir da qual, o saber sistematizado poderá ser selecionado com vistas a funcionar como instrumento de compreensão crítica da dinâmica dessa realidade. A partir dessa definição a organização do conteúdo será realizada considerando os objetivos propostos em termos de aquisição, reelaboração e produção do conhecimento.

Nas escolas de ensino fundamental, o saber é sistematizado, como falamos anteriormente, tem sido produzido longe do social. A partir desse saber, deverão ser gerados novos conhecimentos através da problematização e da análise crítica.

Segundo Paulo Freire:

*“Se os professores e alunos exercem o poder de produzir novos conhecimentos a partir dos conteúdos impostos pelos currículos escolares, estariam de fato consolidando seu poder de contribuir para a transformação da sociedade”.*<sup>5</sup>

Nesse depoimento, são ressaltados a relação intensa entre os objetivos propostos e o conteúdo a ser trabalhado. Em última instância, a organização dos conteúdos estará intimamente relacionada com o objetivo maior da educação escolar, que é propiciar a aquisição do saber sistematizado, tido como instrumento fundamental de libertação do homem.

Tendo como ponto de referência os objetivos propostos e os conteúdos, passa-se agora a articulação dos procedimentos que deverão ser concretizados. Os

---

<sup>5</sup> FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e Ousadia. O cotidiano do professor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

procedimentos deverão ser selecionados de forma a tender os diferentes níveis de aprendizagem desejados, bem como a matéria de ensino proposto.

O critério básico para a relação dos procedimentos deverá ser a criatividade. Assim a tarefa do professor será articular uma metodologia de ensino que se caracterize pela variedade de atividades estimuladas de criatividade dos alunos.

Nessa tarefa, é de fundamental importância, a participação dos educandos será bastante enriquecedora. Descobrir suas expectativas, para saber a que estão na escola, qual o seu projeto de vida, são questões que levarão ao entendimento do aluno, ajudando na compreensão de sua linguagem, de sua dificuldade.

O passo seguinte, seria a sistematização da avaliação. A avaliação neste aspecto não poderá ter um sentido classificatório. Terá que ser contínua, realizada a parte das experiências dos alunos, na sala de aula. O professor nesse contexto tem que estar apto a todo momento para avaliar os seus alunos. Dessa forma, a avaliação ocorrerá no processo de aprendizagem.

Ainda no processo avaliativo não deverá existir preocupação com a verificação da quantidade de conteúdos, mas tão somente com a qualidade da reelaboração e produção de conhecimentos empreendida por cada aluno, a partir da matéria estudada.

*“...Pois a avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos”<sup>6</sup>*

---

<sup>6</sup> LIBÂNEO, José Carlos. Op. cit, pag. 195



## CAPITULO II

### AVALIAÇÃO: UMA ABORDAGEM CRÍTICA

Neste capítulo iremos trabalhar com avaliação da aprendizagem numa abordagem crítica, por entendermos ser de fundamental importância para a formação intelectual dos indivíduos, enquanto cidadão críticos.

Antes de discutirmos a avaliação no processo de aprendizagem, é de fundamental importância compreendermos como ocorre no cotidiano, o ato de avaliar.

Como sabemos, o ato de avaliar não é só uma atividade que está presente na escola mas, principalmente no cotidiano dos indivíduos.

A cada momento da vida somos avaliados e obrigados a avaliarmos "algo", a tomar decisões que na maioria das vezes é definida como julgamento provisório.

Muitas vezes esses juízos assumidos como verdades não são possíveis de serem prováveis, podendo inclusive sofrer alteração no decorrer do tempo, nas relações diárias entre as pessoas.

Na vida, o ato de avaliar é expressado pelos pensamentos e ações. Nessa unidade o indivíduo precisa estar para sempre pronto para identificar o que é verdadeiro para si, opção que indicará qual o caminho a ser seguido. Muitas vezes a escolha não corresponde a um conhecimento aprofundado daquilo a que se refere a opção.

Segundo Agnes Heler:

"Em breve lapsos de tempo somos obrigados a realizar atividades tão heterogêneas que não poderíamos viver se nós dependêssemos de conceitos fundados cientificamente"<sup>7</sup>

Heler tem razão fazer esse comentário. Isso, explica que na vida, não poderíamos só tomar decisões com base em fatos científicos mas, também baseadas numa prática cotidiana.

---

<sup>7</sup> AGNES HELER. O Cotidiano e a História. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2ªEd., 1985, pag. 44.

Sem dúvida, a maioria dos julgamentos que fazemos na vida é resultante de uma prática quotidiana. É no dia-a-dia que absorvemos elementos que contribuem de uma certa forma ou de outra para formar nossa capacidade intelectual. Na prática quotidiana nós somos levados a realizar certas atividades baseadas no conhecimento que nossas famílias possam. A família é um elemento importante para a formação de nossa personalidade.

Quando uma pessoa faz uma certa opção entre ficar em casa assistindo à um guia eleitoral ou participando de um comício, como ilustração, imediatamente vai ser orientada pelos juízos que tiver feito quanto a essa opção.

Para tomar a decisão que julgar correta, o indivíduo utilizará não só do conhecimento cotidiano, como também do científico.

Quando afirmamos que o ato de avaliar está presente no cotidiano das pessoas, estamos sem dúvida admitindo que ele está presente no contexto da escola, da sala de aula, pois, o dia-a-dia da escola não se separa do cotidiano das pessoas.

Na escola, professores e alunos a todo instante avaliam e são avaliados. Neste sentido, são formadas diferentes opiniões que de uma maneira ou de outra vão orientar as tomadas de decisões e o estabelecimento de relações, que podem ser naturalmente de grupos maiores ou mesmo particulares.

Na sala de aula, na interação do aluno com o professor, emite conceitos gerais para classificar uma turma ("boa", "bagunceira"), ou particular, esse aluno é "burro", incompetente de acordo com o comportamento de cada estudante.

O fato é que, esses conceitos muitas vezes podem contribuir para gerar atitudes diferentes do grupo como um todo, que pode ser de resistência, ou mesmo de colaboração.

Se for de colaboração, a aprendizagem pode ser positiva. Pois, existe a participação de diferentes grupos no processo educacional.

Agora, se for de resistência, com certeza na sala de aula, os alunos vão contrariar as determinação dos docentes.

No nosso entender, o professor tem que acabar com esses "conceitos", que por ventura coexistam no seu imaginário. Dessa forma, contribuirá para sua aula ser mais agradável; onde exista sobretudo respeito entre ambas as partes.

Não é papel do educador fazer julgamentos da personalidade dos alunos, mas transmitir conhecimentos, no sentido de fazer o aluno reelaborar.

Quando um educador taxa o aluno de “burro”, ou a turma de “bagunceira” todas as vezes ele está fazendo um juízo errado do fato, preconceitualizando a turma, sem conhecê-la de perto.

Segundo aquele ditado popular “Nem tudo que parece é”, sempre é verdade. Mesmo que a turma tenha expressando um comportamento sob o qual seu conceito foi formulado. Em outro momento, essa mesma turma poderá apresentar um comportamento adverso, contrariando o anterior. E agora?

Mesmo que o comportamento desses elementos referidos sejam modificados, uma coisa é certa, o seu conceito inicial permanecerá cristalizado frente ao contexto escolar; prejudicando dessa forma a educação.

Percebemos, que essa história dos “conceitos” aplicados aos alunos nas diversas escolas concorrem tão somente para aumentar o índice de evasão escolar.

*“O professor emite juízos quase sempre provisórios que vão desde opiniões drásticas sobre a turma (boa, fraca, desordeira...) até julgamento sobre cada um em particular”<sup>8</sup>*

Temos que perceber que aprendizagem é um processo dinâmico. Uma correspondência de interesses entre professores e alunos. Se em uma sala de aula, a aprendizagem não acontece, o resultado não vai nada satisfatório.

Para que a aprendizagem possa existir na escola, é preciso que do princípio, exista respeito entre esses dois agentes: professores e alunos, que realmente o professor esteja comprometido em educar e a o aluno em aprender.

Um professor comprometido, com a educação ao indivíduo com certeza vai utilizar de meios para que sua aula seja mais criativa, dinâmica, acabando dessa forma com os preconceitos gerados no processo de ensino.

Nesse discurso, não estamos admitindo que o professor “feche os alunos”, e passe a ser manipulado pelos alunos. Ao contrário, diante de algumas situações, é

---

<sup>8</sup> VEIGA, Ilma Passos Alecastro. *Repensando a Didática*. Campinas: Papirus. 1991: 133.

necessário que o educador mantenha-se numa relação adequada com os alunos, para não haver um comprometimento da aprendizagem.

Um fato lamentável, diga-se de passagem, aconteceu durante o nosso estágio supervisionado. Em uma turma o professor taxou os alunos de "incompetentes". A resposta imediata dos alunos foi de atacar o professor com palavras fortes. "vá embora", "nós te odiamos".

Esse fato nos surpreendeu e começamos a nos avaliarmos a cada momento da aula, a fazer certos questionamentos diante da turma. Mas o que estava acontecendo? Qual era o relacionamento professor x aluno?

Depois desses questionamentos, encontramos a resposta, o erro era do educador.

O papel do educador é desenvolver uma aula criativa, dinâmica, sabemos que isto é difícil, pois, dentro da realidade na qual nos encontramos inseridos, mal existe um lápis para o professor escrever.

Mas, pensamos que mesmo com estas dificuldades, ainda existem meios para o professor desenvolver sua aula de forma adequada. Isso vai depender do seu compromisso frente ao alunado.

Nas escolas de ensino fundamental os professores alegam que os alunos não possuem um ensino de qualidade, porque o governo não propicia condições de emprego e salários condignos. Este fato é verdadeiro, não podemos negar, só que esse discurso é inoportuno.

Temos que nos conscientizarmos que a educação no Brasil é diferenciada. Poucos tem acesso a um ensino digno. Só que não cabe ao professor refletir esse discurso. Mas refletir com seus alunos os direitos e deveres, promovendo um debate que leve a uma consciência crítica, quer buscando as causas, quer apontando os responsáveis por esse estado de coisas.

Mesmo o professor recebendo um salário irrisório, acreditamos que esse problema não deveria interferir na sala de aula. Infelizmente, o problema existe e os maiores prejudicados são de fato os alunos.

Os alunos mal absolvem o conteúdo, e ainda por cima tem medo do professor. Mas que medo é esse?

Acreditamos que a história do medo é outro fato que permeia o ambiente escolar. Quando falamos de medo, logo vem a nossa mente a avaliação.

A avaliação no nosso imaginário deveria ser um momento gostoso, recíproco entre educador e aluno.

Na verdade a avaliação é encarada pelos alunos como se fosse um "bicho papão". E isto é perigoso, por que faz com que o aluno passe a ter um sentimento apático à escola.

Não estamos afirmando que a avaliação é o único elemento responsável pela promoção ou reprovação do aluno. Muito pelo contrário, no ato da aprendizagem, outros elementos também são determinantes, a exemplo da metodologia adotada e de um bom relacionamento do professor com os alunos.

É de fundamental importância que o professor aplique os conteúdos de forma dinâmica e criativa. Que leve os alunos a participarem das atividades de classe. Assim, o aluno se sentirá comprometido com sua aprendizagem.

Os conteúdos como parte integrante da avaliação devem ser selecionados a partir de um posicionamento do professor, que deverá estar atento a uma relação associada com o mundo social e econômico, buscando desafios que devem ser superados, desencadeando assim novos caminhos, forjando alternativas, a fim de integrar na realidade e transformação dos alunos.

Os conteúdos têm que retratar as experiências acumuladas na humanidade, transformado em um instrumento pelo qual o aluno compreende e enfrenta as exigências teóricas e práticas da vida social.

Nessa expectativa, compreendemos que a avaliação não deveria ser um momento fechado, inflexível que hipótese alguma deveria ser estática, mas sobretudo uma ação dinâmica e contínua, que estivesse inserida nas atividades diárias dos alunos, sem haver com isso nenhuma interrupção ou "parada".

Diferentemente dessa representação, a essa escola tradicional apresenta uma avaliação fechada, onde a prova é um dos referenciais importantes para julgar o aluno.

*“O sistema escolar impõe que a avaliação, em seu sentido burocrático resulte em um veredicto apresentado sob a forma de nota ou conceito”<sup>9</sup>*

---

<sup>9</sup> VEIGA, Ilma Passos Alccastro. *Repensando a Didática*. Campinas. Papirus. 1991: 142.

Na literatura pedagógica, a prova pode ser escrita ou oral. As provas escritas são as mais antigas e comuns.

A prova como instrumento de avaliação, pode ser mais fácil para o professor se for periódica, no entanto não se constitui numa avaliação contínua, que é mais trabalhadora para o docente, e melhor para observar o processo do aluno:

Ao invés de se pedir que o estudante desenvolva uma dissertação, uma prova objetiva faz o cotidiano dar uma resposta rápida a uma questão concreta, objetiva.

De qualquer forma uma das mais importantes formas de avaliação, é aquela do trabalho escolar. Em nível universitário, começam mais recentemente, a aplicação de provas objetivas, ao lado das provas abertas com direito à consulta nas salas de aulas, e outros modelos mais livres resultantes da observação contínua do desempenho do aluno e mais de acordo com didáticas não diretivas.

A realização das provas na tradição escolar brasileira, tem sido dirigida pelo professor. Outras vezes, a própria escola se encarrega da realização dessa ação.

De qualquer maneira, a avaliação é uma operação muito importante no desenvolvimento do currículo, ao lado das operações envolvidas na seleção e organização dos objetivos educacionais ou na seleção e organização das formas de comportamento e experiência de aprendizagem.

É evidente que, de um modo geral, o processo educacional, dinâmico, complexo, que se desenvolve quotidianamente na escola, está criando continuamente novos procedimentos de ensino e de avaliações dentro de um quadro com um número apreciável de variáveis, tais como: diferenças individuais do corpo docente, as condições ambientais em que se desenvolve a aprendizagem, as relações professor-aluno no plano emocional, o coeficiente de habilidade do professor em estabelecer as condições de aprendizagem conforme foram planejadas, as características indiscutíveis de personalidade do professor, diretor.

O professor precisa, constantemente, proceder a verificações minuciosas sobre seus planos de aulas, de atividades, para verificar se realmente funcionam em direção aos resultados desejados no esquema de avaliação. A avaliação, nesse amplo sentido, torna-se em processo cujo objetivo é verificar se os conteúdos, as experiências, estão realmente, na prática. Assim, amplamente entendida, a

avaliação poderá perseguir a identificação dos pontos fracos ou fortes do plano escolar.

A prova, mesmo pensando que fosse uma forma para avaliar os alunos, para provar conhecimentos, na verdade não prova nada.

Numa situação por exemplo, onde o aluno está sendo avaliado pela prova, se no ato de avaliação, este não estiver preparado psicologicamente, poderá partir para o comportamento da cola, como forma de fugir daquela situação.

Segundo Farias:

*“... Que nas provas, o professor detém as informações e espera que os alunos as devolvam de forma que ele as vê. Isso gera uma conspiração por parte dos alunos, estabelecendo um pacto de aprovação a partir do momento que eles assinalam os macetes do professor, fazendo exatamente aquilo que o professor espera deles...”<sup>10</sup>*

A avaliação é uma construção de processos básicos de verdade e de valores que manifesta o interesse nos educadores.

Portanto, o professor terá que perceber que o aluno não é um receptor de informações nas, um ser humano que tem suas opiniões, atividades que vão sendo construídas na prática pedagógica.

A prova, acreditamos, não deveria ser abolida definitivamente da classe, ela pode coexistir no processo educacional com outros elementos.

Como a escola instituiu que o professor é o detentor da verdade, sabedoria. Na sala de aula, por mais que seu conhecimento seja desatualizado, jamais o aluno vai vê-lo diferentemente.

Na sala de aula, o professor foi considerado um parâmetro da verdade, cabendo a este julgar os alunos sob sua orientação. e aos alunos aceitar essa imposição.

Esta atitude é errada, porque nessa história o papel principal é destinado ao educador. Onde fica a participação dos alunos nesse contexto?

---

<sup>10</sup> FARIAS, Etelvina Maria Valente dos Anjos. ET. all. *Metodologia do Ensino Superior. Módulo 4*. Brasília: 1996. pag. 133.

Nesse contexto, os alunos pouco participam das aulas, questionando ou pensando. O medo do professor faz com que o aluno sinta-se afastado da aprendizagem.

São raros os professores que tem a humildade na sala de aula, em aceitar os posicionamentos dos alunos. É como que o professor fosse o único detentor do conhecimento.

A aprendizagem tem que ser um ato recíproco. Uma troca permanente entre professor-aluno. Para que o resultado seja satisfatório.

Na classe, os alunos avaliam também os professores, pelo menos indiretamente. Essa avaliação é expressada pelo comportamento, habilidades e conhecimentos que o aluno manifesta.

O professor deve perceber que a avaliação não é um ato ingênuo, mas que poderia ser utilizada como um ato político, merecido na prática escolar. Comprometida, principalmente para melhorar e a educação dos alunos.

*...“Para que a avaliação educacional escolar assuma o seu verdadeiro papel de propulsora do crescimento, ela terá que se afetar a este serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e, não com a sua conservação”.<sup>11</sup>*

O que queremos dizer a todo instante, é que a avaliação deveria ser contínua. Um projeto amplo que envolva um conjunto (escola-alunos, sociedade) e que estejam sobretudo preocupados com a educação. Esse conjunto, são partes integrantes nesse processo.

Atualmente nas escolas de primeira fase do ensino fundamental, existe um conselho de pais e mestres. Este conselho é responsável por decisões que ajudam a escola elaborar o seu planejamento. É dever dos pais, encorajarem nesse processo construtivo de elaboração do planejamento da escola. Contrariando essa atuação, já as escolas da segunda fase do ensino fundamental; essa realidade passa bem diferente. A escola, em si não apresenta para comunidade seu projeto educacional, cabendo aos pais, questionarem a necessidade de sua participação de forma intensiva nesse processo.



Entendemos, que o projeto educativo da escola deve conter condições amplas, ligado às características de racionalidade do conhecimento a ser desenvolvido, garantindo assim a unidade no contexto amplo da sociedade, no outro lado deve estar ligado aos elementos resultantes entre a escola e o contexto social.

A partir do subjetivos particulares da escola, vão sendo orientados os objetivos das disciplinas particulares, buscando sempre o atendimento das expectativas, interesses e necessidades dos alunos.

O professor deve estar sempre questionando sobre:

*“O valor do trabalho que está realizando com seus alunos e se ainda não perguntou-o que faço na minha sala de aula contribui de alguma forma para uma vida mais humana? inicialmente não estava reproduzindo o modelo de sociedade vigente”.<sup>12</sup>*

Se a opção do professor for por uma educação que possibilite aos alunos o acesso a instrumentos que vão auxiliar na transformação da sociedade. Os seus objetivos, devem enunciar esses propósitos. Deve ficar evidente o que vai ser essencial para o aprendizagem daquele grupo de alunos, os conteúdos que serão relevantes, as habilidades e os conhecimentos que irão contribuir no âmbito de sua disciplina, para a formação de um indivíduo crítico, capaz de orientar seu próprio aprendizado.

O professor deve estar comprometido não apenas na transmissão de uma sala elaborada. Sem papel deve estar ligado a um processo complexo por onde esse saber vai ser adquirido pelo aluno de forma crítica, relacionado com o seu universo de experiência, de forma desafiadora, procurando soluções de problemas, de forma questionada, procurando formas criativas e competentes de fazer as mesmas coisas, mesmo que elas tradicionalmente sejam consideradas bem elaboradas.

A opção de uma educação transformadora vai exigir posicionamento diferente entre professor e aluno.

---

<sup>11</sup> LUCKESI, V.M. *Avaliação de Aprendizagem*. IN.: VEIGA I.P.A. (org.), *Repensando a Didática*. 6ªEd., Campinas: Papyrus. 1994.

<sup>12</sup> VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Repensando a Didática*. Campinas: Papyrus. 1991.

Ao professor vai ser exigido antes de tudo competência ao ensinar. O professor comprometido com uma educação transformadora, tem que estar inteiramente consciente da importância política de sua competência no ato de ensinar.

O professor deve ter consciência, também de que seus alunos vão se apropriar:

*“diferentemente das coisas, dos conhecimentos, dos usos e dos instituições...”*

*Se aprovam também, sem necessariamente acreditar nelas ou aprová-las, das regras do jogo necessárias à sobrevivência neste ambiente”.<sup>13</sup>*

Para atuar eficientemente, frente a estas exigências, o professor precisa ter competência não apenas no domínio de conteúdo, mas também no conhecimento de propostas alternativas para trabalhar esse conteúdo. Precisa também ter a capacidade para orientar as ações pedagógicas, de acordo com as necessidades e possibilidades dos alunos.

Do aluno, neste sentido, além do estudo da matéria, onde lhe cabe apenas o exercício de sua capacidade, de memorização e, após a execução do ato ritualístico da avaliação, o esquecimento. O aluno, executando um esforço, no ato de aprender, onde deverá colocar em funcionamento, os seus sentimentos, habilidades e idéias, ou seja, tudo aquilo que coloca permanentemente em funcionamento ao elaborar os juízos provisórios na sua vida diária.

As tarefas relacionadas ao processo de ensino não são estanques. Elas fazem parte do cotidiano dos indivíduos, e não devem ser avaliadas, apenas por um momento isolado, muitas vezes totalmente desvinculados da realidade. A avaliação efetiva se dá durante as relações dinâmicas na classe, que orienta a tomada de decisões frequentes, relacionadas no tratamento do conteúdo como a melhor forma de compreensão e produção do conhecimento pelo alunado.

Para que isso ocorra, faz necessário que o professor esteja atento a cada alteração de comportamento. Que haja um clima favorável entre aluno-professor. Que os alunos não se sintam reprimidos e passem a manifestar suas dúvidas, inquietação e incompreensão quanto ao que está sendo aprendido.

---

<sup>13</sup> EZPELETA, Justa e ROCKWEIL. Elise. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez, 1986. pag. 28.

É nas relações quotidianas que vai se dar a aprendizagem. Dessa interação vão surgir condições efetivas para que professor e aluno possam ser capazes de se avaliarem. O conteúdo em questão e a tomada de decisões quanto ao prosseguimento do professor no ensino - aprendizagem.

Essa relação dinâmica de aquisição, reelaboração e produção de conhecimentos, em que os alunos participam do processo de avaliação, cuja competência não caiba exclusivamente à opinião do professor quanto ao desenvolvimento dos alunos.

Parceiros na dinâmica de sala, professor e aluno devem participar do processo de avaliação. Nesse processo não devem estar em julgamento apenas o grau de aprendizagem e sim muito outros questionamentos. Precisa ocorrer aí a auto-avaliação de cada uma das partes: de forma que o conhecimento vem sendo ensinado - aprendido, os recursos que estão orientando a aprendizagem e que são possíveis de serem alterados de acordo com as novas necessidades sentidas pelo grupo.

*...“Pois a avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos”...<sup>14</sup>*

É interessante que haja, essa auto-avaliação no contexto da escola. A opção por um ensino transformador, leva a que o aluno precise ter oportunidade de desenvolvimento de sua capacidade crítica e, para isso, é importante que ele tenha condições não só da crítica, o que lhe é externo. Que essa capacidade se volte para dentro de si mesmo nas suas relações com o conhecimento e com os outros, através da autocrítica, da auto-avaliação.

A auto-avaliação não deve ser aquela baseada em relatórios estruturados, onde os alunos são orientados para responderem sobre o seu comportamento durante as aulas, trabalhos individuais e de grupos, ou sobre o interesse pelo assunto estudado. A auto-avaliação deve proporcionar uma reflexão mais profunda, um momento, sim, de parada e de encontro do aluno com o objetivo do conhecimento, uma análise da alteração ocorridas durante as interseções existentes entre ele, sujeito de aprendizagem, e o novo saber.

---

<sup>14</sup> LIBÂBEO, José Carlos. Didática. São Paulo. Cortez, 1991:195.

Da mesma forma tem que acontecer com o professor, é o momento de reflexão mais intensa, de encontro com suas verdades, o seu conhecimento e a realidade, caracterizada então pela sua prática com um determinado grupo de alunos. É o momento de questionamentos, de desorganização e reorganização.

Esta auto-avaliação deve ocorrer basicamente no decorrer do meio das práticas do cotidiano da sala.

O importante é que os resultados dessa auto-avaliação se tornem conscientes, que possam ser utilizados de alguma forma para orientador ou não da rota do caminho do conhecimento.

Os resultado dessa atividade de auto-avaliação precisa ser conhecida não só pelo professor mas, também por todos os alunos. Devem ser discutidos, analisados em classe e servirem para que, periodicamente, sejam redefinidas ou não os objetivos a serem seguidos.

A avaliação no entanto, deve ser coletiva, principalmente nos finais do período letivo, quando sua função classificatória vai determinar a aprovação de operação.

Nesse sentido é imperceptível retornar ao conceito de conselho de classe como local onde os professores, e pelo menos os representantes dos alunos, devam alterar para, de forma coletiva, tomarem decisões quanto ao projeto educativo. A classificação do aluno, defendendo do resultado da nota, deve ser discutida e definida por todos e para todas as disciplinas.

O processo de avaliação em sua forma final, classificatória, não encerra o processo ensino-aprendizagem. Sua principal função deve ser a de permitir a análise crítica da realidade educacional, seus avanços, a descoberta de problemas novos, de novas necessidades ou de outras dimensões possíveis de serem atingidas.

Em fim, o ato de avaliar é uma fonte de conhecimento e de novos objetivos, a serem alcançadas no sentido permanente do processo educacional.

## CAPITULO III

### A EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DE ENSINO

Este capítulo tem como objetivo descrever as nossas experiências no estágio supervisionado na Escola Estadual de Bodocongó. Para isso, iremos trabalhar alguns itens que achamos ser de fundamental importância para entendimento do assunto.

#### 1 - Preparação do Estágio

Para iniciar é interessante lembramos que a nossa Prática de Ensino iniciou no dia 01 de março do corrente ano, durou apenas algumas semanas, sendo logo em seguida interrompida, na Universidade, por uma greve que durou três meses de abril á julho. Isso, fez com que o nosso sonho de concluir o curso, fosse adiado para o mês de outubro. Só que este fato, não nos desanimou, ao contrário, fez aumentar ainda mais o nosso interesse nas atividades diárias da disciplina Prática de Ensino.

##### a) - A professora de Prática de Ensino e as Recomendações.

Durante os dias que a referida disciplina esteve em atuação, tivemos a oportunidade de definirmos todos os passos no decorrer do período, ou seja, a coordenadora da Prática de Ensino, Eronides Câmara, nos falou da seriedade que deveríamos ter com a Prática, mostrando-nos os principais caminhos para se fazer uma atividade satisfatória.

O que nos chamou mais atenção nesse discurso, foi o fato de Eronides ter nos avisado com relação aos obstáculos que iriam surgir e, principalmente o nosso papel frente a estes problemas.

A Coordenadora deixou claro para nós, que teríamos que ser responsáveis por nossas atividades. Que os problemas existem, não poderíamos fugir deles. Só que eles apareciam para serem solucionados e não aumentados.

Além dessas observações que a professora fez, ela ainda adiantou que o estágio seria realizado na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira, na Rua: João Virgolino de Araújo nº 1014, no Bairro de Bodocongó. Este detalhe alegrou-nos pois, já conhecíamos a referida Escola de muito tempo atrás, onde havíamos estudado por um período de quatro anos consecutivos.

Feita esta observação por Eronides, ficou acertado que cada aluno escolheria com o seu orientador o turno a ser trabalhado.

Achamos necessário escolher o turno da noite para estagiar, uma vez que diurnamente não seria possível, por conta das inúmeras atividades comprometidas como o trabalho

Resolvido esse detalhe, o segundo passo seria a nossa visita à Escola. Só que seria inviável neste momento, pois os professores da Universidade, acabavam de decretar uma greve por tempo indeterminado, interrompendo assim as atividades cotidianas da UFPB, sendo reiniciadas no mês de julho do mesmo ano.

#### b) - A Visita à Escola.

Antes do término da greve da Universidade Federal, ficou acertado com a coordenadora da Prática, que iríamos ao Colégio Estadual de Bodocongó no dia 01 de julho, acertar com a Diretora da Escola, os últimos detalhes do estágio supervisionado. Foi o que aconteceu.

Ao chegarmos à Escola, tivemos a oportunidade de sermos apresentadas à Diretora, Claudete Patrício. Na ocasião da conversa, Claudete adiantou que teríamos mais condições de estagiar naquele mês, pelo fim das férias escolares dos estudantes. A Diretora acrescentou ainda que, segundo as normas do estabelecimento de ensino, o aluno em processo de estágio, assumiria as turmas por um período de dois meses, o equivalente a um bimestre inteiro, iniciando no dia 06 de julho e terminando no dia 20 de setembro.

Ao continuarmos o diálogo com Claudete, acertamos os horários das aulas. A diretora deixou a entender que a partir do momento que o estagiário colocava em prática suas atividades, assumiriam a responsabilidade com a turma, ou seja, o estagiário seria o professor na classe, com o direito inclusive de avaliar os alunos.

Eu, particularmente achei o máximo, pois teria a oportunidade de realizar um sonho de infância, "ser professora".

Saí, naquele momento da escola cheia de alegria e entusiasmo. A cada dia, esse entusiasmo aumentava, como se fosse uma semente, que ao ser cultivada aos poucos, apareciam os frutos. E, no meu entender, esses frutos seriam a minha inspiração, vontade de contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Conversando ainda com Claudete, ela nos apresentou a professora de História do primeiro grau, Maria das Graças, nos pareceu muito simpática e pronta a ajudar-nos, no que precisássemos, inclusive orientando-nos com algumas bibliografias, que segundo ela facilitaria a preparação de nossas aulas.

Ficamos entusiasmadas para conhecer o outro professor de História do segundo grau, Francisco de Assis Cunha de Lima. Só que foi impossível naquele instante da escola. Ainda na ocasião de nossa visita ao Colégio, escolhemos duas turmas para trabalhar: a 6ªA e o 3ºB, nos seguintes dias, terças e sextas-feiras. A professora da sexta série, enfatizou que a primeira turma era desatenta às aulas, "complicada". Segundo ela, era interessante que eu escolhesse uma sétima série para lecionar, porque essa mencionada turma era "boazinha". A nossa resposta foi negativa. Preferimos ficar com aquela turma considerada complicada, desatenta, para justamente descobrirmos onde estava a complicação.

#### c) - Os Contatos com o professor Apolonário:

No dia 02 de julho entrei em contato com o meu orientador do Estágio, José Apolinário do Nascimento, o qual passei para ele as informações recebidas. Combinamos que iríamos naquele Colégio antes das férias dos alunos, conversa com os professores de História.

No dia 15 de junho estávamos lá no estabelecimento de ensino. Neste dia, foi ajustado os últimos detalhes com os professores. Na ocasião, passaram para mim os conteúdos das disciplinas, com os horários de cada aula. No mesmo momento, o professor Francisco convidou-me para conhecer uma turma o 2ªA. Foi interessante, senti-me o máximo, pois, estava encontrando o meu próprio eu.

A partir daí, passei a observar os seguintes detalhes: O comportamento dos alunos, a relação aluno-professor e principalmente o conteúdo aplicado em sala de aula.

Minha primeira frustração: como os alunos daquele grupo estavam em plena avaliação, percebi, em cada gesto e olhar, um pedido de socorro, uma insegurança total de conteúdo. No meu ponto de vista, a turma estava sendo mal avaliada. Seria muito mais interessante que naquele momento a avaliação fosse coletiva, do que individual, talvez o resultado não atingisse índices tão baixos.

Deste dia em diante, passei a sentar com o orientador e conversar sobre as aulas. Começamos a estudar os assuntos e temas a serem trabalhados nos planos de aulas.

## 2 - A Realização do Estágio

Ao terminar as férias escolares, no dia 07 de julho seria a nossa primeira aula. Neste dia em razão do jogo da seleção brasileira, dentro da copa do mundo na França, não houve aula, pois, fora determinado pela Secretaria de Educação do Estado, ponto facultativo para as escolas públicas. Mesmo assim, fui ao Colégio constatar se realmente não haveria expediente.

### a) - O Contato com os Alunos

A nossa primeira aula de fato foi na sexta-feira, dia 10 de julho. A ansiedade era bastante visível, porém, estávamos de frente a uma turma de certa forma diferente de todas as outras. Nada mais natural do que o medo, apreensão em depararmos justamente com uma situação nova, mas impressionante, por saber que estávamos realizando um sonho.

### b) - As Aulas Ministradas na 6ªA

Ainda no dia 10 de julho, fomos apresentados à turma pela professora Graça. Na ocasião conversamos sobre o conteúdo que seria trabalhado em sala de aula.



Na oportunidade, falamos das nossas responsabilidades frente ao aluno e que esperávamos uma retribuição positiva por partes deles, através do entendimento das aulas ministradas.

Nessa aula, optei pela utilização de um mapa do Brasil como recurso didático a fim proporcionar aos alunos uma melhor compreensão da localização geográfica das nossas regiões.

Na segunda aula que ocorreu no dia 14 de julho, fizemos em sala de aula uma retrospectiva do I Reinado, para entendermos os acontecimentos marcantes do II Império.

Na terceira aula, dia 17 de julho, trabalhamos com o tema, segundo Reinado no seu aspecto político. Dentro desse tema abordamos vários itens: A abdicação os partidos políticos etc.

Neste mesmo dia de aula, entregamos aos alunos um texto, que complementava o assunto falado na classe. Os alunos, por sua vez, ficaram surpresos, pois, era a primeira vez que tinham naquela disciplina recebido um texto para estudo.

Dia 21/07, trabalhamos com o tema: Parlamentarismo no Segundo Reinado, onde foi feita uma comparação entre o Parlamentarismo Brasileiro do período e o Parlamentarismo Inglês. Usamos como recurso didático, um cartaz, para justamente explicar esta comparação.

Dia 24/07, passamos a analisar, Política Externa no segundo Reinado, onde foi explicado os conflitos entre o Brasil e a Inglaterra.

Já no dia 28/07, continuamos trabalhando sobre Política Externa no II Império. Neste dia os alunos tiveram a oportunidade de responder a um exercício.

No dia 31/07, achamos necessário, fazer uma discussão a respeito do conflito entre o Brasil e Paraguai, mostrando para os alunos as conseqüências dessa guerra.

Dia 04/08, fizemos um estudo do mapa da Guerra do Brasil e Paraguai.

Já no dia 07/08, respondemos a um exercício de fixação: um caça-palavras.

Como no dia 11 de agosto não houve aula, por conta da comemoração do dia do estudante, tivemos aula no dia 14/08, onde apresentamos um panorama geral da Economia do II Reinado.

Dia 18/08, introduzimos no decorrer da aula, um mapa, explicando o desenvolvimento da lavoura cafeeira no Brasil, no século XIX.

Em contrapartida no dia 21 de agosto, debatemos o tema a Indústria no II Reinado. Logo em seguida os alunos responderam a um exercício em sala de aula.

No decorrer das atividades desenvolvidas na sala de aula, nesta turma pelo menos a avaliação foi contínua. Em todas as aulas, a nossa preocupação era fazer com que o aluno participasse da aula, ou fazendo reflexão sobre o assunto, ou respondendo a um exercício de fixação.

### c) - As Aulas Ministradas no 3º B

Do mesmo modo, como ocorreu na sexta série, no dia 10/07 fomos apresentados a turma do 3º B, onde falamos do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, como também a avaliação. Neste mesmo dia, trabalhamos um mapa como primeira atividade em classe. Era, interessante fazer um estudo do mapa, pois, passaríamos a compreender melhor o assunto a ser trabalhado na disciplina.

No dia 14/07, também nessa turma, fizemos uma análise da política interna do I Reinado. Usamos como recurso didático, cartaz para que os alunos compreendessem melhor o assunto.

No dia 17/07, continuamos discutindo o Reinado de Pedro I.

No dia 21/07 começamos analisar a Política Interna no II Reinado, na ocasião, foram trabalhados os seguintes tópicos: os Partidos Políticos e o Parlamentarismo.

No decorrer do dia 24/07, sexta-feira, fizemos um comentário a respeito do vestibular. Percebemos, que esse tema era de grande interesse para os alunos, isso ficou comprovado pela participação dos mesmos no debate.

Posteriormente, no dia 28/07, fizemos uma análise da Economia e da Sociedade no II Reinado. Como ocorreu nas demais aulas, a utilização do roteiro na aula, facilitava a assimilação do conteúdo aplicado. Para complementar essa aula utilizamos no dia 31/07 um exercício de fixação.

A partir do dia 04/08, trabalhamos, como tema: Do Trabalho Escravo ao Assalariado. Como recurso para complementar o assunto, aplicamos no dia 07/08 um exercício de fixação, um caça-palavra, para ser respondido em sala de aula.

No dia 11/08, não houve aula, em contrapartida no dia 14/08, entregamos aos alunos um texto sobre a Economia no II Reinado. No texto, os alunos puderam responder a um questionário.

Como nessa turma, os alunos tinham a oportunidade de ver, História do Brasil e Geral, a partir dessa data o conteúdo seria alterado.

Dia 18/08, foi introduzido na classe, o seguinte assunto: Civilização Romana. Neste dia, levamos para aula, um mapa do Império Romano e um cartaz para facilitar a aprendizagem do aluno.

Na sexta feira, dia 21/08, discutimos temas ligados ao vestibular, a exemplo de redação.

Continuamos discutindo Civilização Romana, levando em consideração a Política Imperialista em Roma.

Deste dia em diante as nossas aulas foram suspensas, por conta da greve que atingiu a Escola.

Durante o estágio supervisionado, pelo menos na nossa primeira aula no Colégio, percebemos em uma das turmas a apatia dos alunos para com a professora, isso em virtude da atenção deselegante dispensada pela Mestre aos alunos em uma dada situação.

A partir desse momento, passamos a questionar todos os aspectos que envolvem a estrutura pedagógica do ensino. A quem devemos atribuir a culpa pela situação questionada. Ao professor? Ao Aluno? ou de um contexto, onde está o ensino.

Observamos que no horário noturno, os problemas se avolumam em proporções maiores do que se registra nos turnos da manhã e da tarde, À noite, a realidade do ensino é diferente, pois, os alunos que estudam nesse expediente, são pessoas que tem responsabilidade, pelo fato de trabalhar e ter maiores compromissos. Desta forma, essa realidade inibe a absorverão do melhor aprendizado.

Outros problemas também concorrem para o não desenvolvimento do ensino, como por exemplo, a questão de segurança. Este é um aspecto que não existe, nem na Escola, nem tão pouco externamente, ou fora dela.

À noite é constatado com frequência, que os alunos se drogam no interior da escola. Com isso, reflete o aumento da violência, em todas os seus aspectos. E isso, inibe a presença do professor em sala de aula.

Outro aspecto refere-se ao Projeto da escola pública. A escola pública em todos os sentidos, possui um projeto de ensino, fechado e burocrático que aumenta ainda mais o desinteresse dos alunos com as aulas.

Em geral, estes estabelecimentos seguem uma linha de trabalho baseada no tradicionalismo, onde a História que cultua os heróis e os grandes personagens. Este é um dos detalhes que torna a disciplina de História chata, cansativa e ainda por cima decorativa para os estudantes. Neste processo, o papel do aluno não é o de participar, de questionar, mas sobretudo, o de decorar as datas e os acontecimentos históricos.

Como vimos, o aluno é passivo neste contexto, não sendo estimulado pelo educador a participar das aulas. E sim, apenas a observar conhecimento. Nesse sentido as aulas são verdadeiras monotonias.

No estágio supervisionado, percebemos que os alunos reclamavam o tempo inteiro dos professores com relação ao conteúdo aplicado, e o seu relacionamento frente aos estudantes. Este último aspecto, diga-se de passagem, o processo aprendizagem tem elementos para a aprendizagem ter êxito.

Durante praticamente dois meses que nos encontrávamos estagiando, não presenciemos uma comunicação afetiva entre professor-aluno. Segundo opiniões dos próprios alunos, os maus tratos eram gerais. O que os impediam de questionarem essa situação, pois, poderiam estar sujeitos a ser reprovados pela nota.

Isso é um absurdo. Nós vivemos numa democracia e temos o direito de expor nossos sentimentos, questionamentos. Agora, esse "negócio" de perseguir o aluno ficou para trás, bem na época da ditadura.

Compreendemos que, se em uma sala uma situação desse tipo existe, não vai ser nada agradável. O que gera uma grande distância entre professor-aluno, impedindo com isso uma troca ou experiência.

O que realmente acontece é que muitos professores não dão espaço para os alunos tirarem dúvidas, questionar o conteúdo ou conversar sobre suas

ansiedades. E, isso, termina gerando um comportamento adverso do aluno ao professor.

Este detalhe explica aquele comportamento do professor com a turma, ou vice-versa, onde o professor taxou os alunos de complicados. E, os alunos por sua vez, praticamente os expulsou da classe.

Segundo Cunha:

*“Uma relação professor aluno ideal é aquela em que, torna às aulas agradáveis e atraentes, estimula a participação ao aluno, sabe se expressar de forma e que todos entendam, induz à crítica, a curiosidade e a pesquisa, procura formas inovadoras de desenvolver a aula, faz o aluno participar do ensino...”<sup>15</sup>*

Portanto, é muito importante essa relação afetiva entre professor-aluno, daí será facilitado o conhecimento. E, tem um detalhe, o professor tem a oportunidade de conhecer a realidade do aluno, que poderá ser aproveitada dentro do projeto de ensino.

#### d) - Aspectos Negativos e Positivos

A nossa experiência no estágio supervisionado possibilitou-nos ainda observar certos problemas, que estão no cotidiano da própria escola. O primeiro deles refere-se a falta de recursos didáticos para o professor trabalhar. Geralmente, é nas reuniões que mais os professores reclamam os recursos didáticos, é um dos elementos mais importantes para os professores tornarem suas aulas dinâmicas. Ao contrário do que presenciamos, na escola só oferecia o quadro e o giz, este quando não faltava, como o único recurso disponível, cabendo ao professor neste sentido “se virar”, ou seja, procurar outros métodos de trabalho.

Um outro fator negativo, podemos dizer assim, é que mesmo a escola possuindo uma biblioteca, esta no turno da noite está desativada, apenas funcionando durante o dia. Segundo funcionários do próprio estabelecimento, a biblioteca se encontrava justamente naquela situação, por que faltava funcionários disponíveis para o setor.

Isso é uma coisa absurda, como é que pode numa escola faltar funcionários para trabalhar? Onde está a capacidade do Diretor? O Diretor no uso de suas funções pode muito bem fazer uma transferência de um funcionário para qualquer expediente. Só é ele querer. Por que diurnamente sobra tantos funcionários e a noite falta?

É direito do aluno ter um local de pesquisa, de conhecimento, e isso só é possível numa Biblioteca. A Biblioteca deveria ser um lugar perto dos alunos, onde estes pudessem ter a oportunidade de consultá-la sempre que pudesse.

Acreditamos que o professor mesmo em face desses obstáculos, não pode ser passivo e omissivo no processo educativo. É importante que o educador seja um agente criativo e dinâmico, que tenha entusiasmo para utilizar-se de recursos que estejam ao seu alcance. Que leve sempre em consideração a realidade social do aluno, para que enfim, o aluno possa adquirir conhecimento a partir de sua experiência de vida.

Para Franco:

*“... Contrapor a leitura ao livro didático com um outro texto que possua uma visão histórica diferente e uma linguagem simples, procurando levantar as diferenças entre os dois através do debate com os alunos e não através da aula expositora que mostra tais diferenças de imediato, sem discussão, pode ser um recurso adequado.*

*Enriquecer estes debates, na medida do possível, com artigos de revistas, fotografias, fontes históricas primárias e propor questionários que não exijam respostas exatas, mas sim análise e reflexão...”<sup>16</sup>*

Contudo, em face a essa argumentação apresentada é, preciso que o professor tenha sobre tudo confiança em si mesmo, como profissional, para resolver ou pelo menos amenizar os problemas. Um professor realmente

---

<sup>15</sup> C.F. CUNHA. Maria Isabel da . *Repesando a Didática IN. A Relação Professor - Aluno. 11ªEd.*. São Paulo: Papirus. 1996. pag. 947.

<sup>16</sup> C.F. *Cadernos de História. Universidade Federal de Uberlândia. Departamento de Ciências Sociais. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História. Vol 1. Uberlândia. 1990. pag. 61.*

comprometido com a educação dos seus alunos, tornará suas aulas diferentes das demais, proporcionando aos alunos a oportunidade de serem críticos na classe.

O planejamento de ensino no nosso entender deve conter elementos do cotidiano dos estudantes, voltados não somente para o social, levando ao aluno a participar das atividades diárias da sala, de forma contínua e transformadora.

No estágio supervisionado, a avaliação pelo menos em uma das turmas foi contínua. Em todas as aulas, os alunos acompanhavam o conteúdo a partir das atividades desenvolvidas na classe. Fizemos o esforço de estimular o aluno a participar da aula, através de leitura, de exercício, que desenvolvíamos ao longo do estágio.

Apesar desses obstáculos verificados no contexto educacional, o que mais dificultou a nossa experiência na classe, foi a greve na escola que determinou o fim de nossas atividades.

Como nesse relato, abordamos alguns pontos negativos. Cabe a nós, pelo menos relatarmos o que foi interessante na escola.

Certamente, o que nos animou a prosseguir no estágio foi a participação dos alunos na sala de aula. Como discutimos antes, que os estudantes no horário noturno encontravam dificuldades para participar do processo de aprendizagem, o que os afastava da sala de aula, pelo menos esse problema passou bem longe das turmas que escolhemos para estagiarmos. Tanto a 6ª A, como a 3ª B, os alunos não ficaram ausentes do processo de ensino. Ao contrário, participavam de cada aula, fazendo perguntas, questionando sobre a realidade, e outros aspectos que achavam importantes. Isso, demonstra que a nossa proposta era inovar, deixar a aula mais dinâmica e participativa na medida do possível.

Em fim, aceitamos que o estágio não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente, muitas vezes, desvinculada da escola onde os estagiários buscam espaço. Deve sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtiva de troca de serviço e de possibilidade de abertura para mudanças.

### 3 - Sugestões.

#### a) - Para o Professor da Prática.

A nossa primeira sugestão é dirigida à Coordenadora da Prática de Ensino, Eronides Câmara, que ao invés de ser trabalhado três partes no relatório, que apenas possua uma só, com as diversas experiências dos alunos no decorrer do estágio supervisionado.

Os demais temas achamos viável ser discutidos nas aulas da disciplina.

#### b) - Para os Futuros Estagiários

Esperamos que os futuros estagiários estejam realmente comprometidos com a educação dos alunos; possibilitando ao mesmos uma aprendizagem "libertadora"

#### c) - Quanto ao Horário de Estagio

Achamos viável que o horário do estágio ao invés de ser à noite, que seja diurnamente, por que os estagiários, professores e orientadores enfrentam os riscos de assaltos, agressões e etc.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos, que durante o estágio supervisionado tenham sido atingidas as expectativas que orientaram esse importante trabalho, que tenhamos alcançado ainda os objetivos desejados, a exemplo da aprendizagem, e que tarefas as quais nos foram confiadas possam ter sido repassadas integralmente.

O estágio foi de importância singular para mim, por que a partir dela aprendi a elaborar um plano de aula adequado a realidade da turma, além disso, passei a conhecer de perto o dia-a-dia da escola.

A partir dessa prática, passei a avaliar os meus procedimentos na sala de aula, respeitando as experiências trazidas do contexto social de cada aluno.

## BIBLIOGRAFIA

- **ABREU**, M<sup>a</sup> Célia de, **MASSETO**, Marcos. O Professor Universitário em Sala de Aula: Prática e Principais Teorias, 6<sup>o</sup> Ed., São Paulo, Mz. Ed., Associados, 1989.
- **CADERNOS DE HISTÓRIA**. Universidade federal de Uberlândia. Departamento de Ciências. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História. Vol. 1, n<sup>o</sup> 1 Uberlândia, 1990.
- **CUNHA**, Maria Isabel da. Repensando a Didática In: A Relação Professor-aluno, 11<sup>o</sup> Ed., São Paulo: Papyrus 1996.
- **EZPELETA**, Justa, **ROCKWEIL**, Elise. Pesquisa Participante. São Paulo, Cortez, 1986.
- **FARIAS**, Etelvina Maria Valente dos Anjos. ET all. Metodologia do Ensino Superior. Módulo 4. Brasília: 1996.
- **FREIRE**, Paulo, **SHOR**, Ira. Medo e Ousadia. O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- **FELGUEIRAS**, Margarida Louro. Pensar a História - Repensar o seu ensino. A disciplina de História no 3<sup>o</sup> ciclo do Ensino Básico. Alguns princípios Orientadores da Metodologia do Ensino. Portugal, Porto Editora, 1994.
- **HELER**, Agreus. O Cotidiano e a História. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2<sup>o</sup> Ed., 1985.
- **KENSKI**, V. M. Avaliação da Aprendizagem. IN: Didática. 6<sup>o</sup> Ed., Campinas: Papyrus, 1991.
- **LIBÂNEO**, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1991.
- **LOPES**, Antônia Osinia. Planejamento do Ensino numa Perspectiva Crítica da Educação. IN: VEIGA, I.P.A. (org.). Repensando a Didática 6<sup>o</sup> Ed., Campinas: Papyrus, 1991.
- **LUCKESI**, V. M. Avaliação da Aprendizagem. IN: Veiga, I.P.A. (org.). Repensando a Avaliação 6<sup>o</sup> Ed., Campinas, Papyrus, 1994.
- **PENTEADO**, José Arruda. Didática e Prática de Ensino: Uma Introdução Crítica. São Paulo: MCGRAW - HILL do Brasil, 1979.
- **RAYS**, Oswaldo Alonso. A Questão de Metodologia do Ensino na Didática Escolar. IN: Veiga, I.P.P (org.). Repensando a Didática 6<sup>o</sup> Ed., Campinas,

Papirus, 1991.

- **SAVIANI**, Dermeval Escola e Democracia. São Paulo, Cortez. 1988
- **VEIGA**, Ilma Alencastro. Repensando a Didática: Campinas: Papirus, 1998.

# **ANEXOS**

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 6º**

**TURMA: A**

**TURNOS: NOITE**

**PLANO DE UNIDADE**

Campina Grande

1998

# ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

**DISCIPLINA:** HISTÓRIA DO BRASIL

**ORIENTADOR:** JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO:** ERONIDES CÂMARA DONATO

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA:** ADELÂNDIA GOMES FARIA

**SERIE:** 6º

**Total de Aulas:** 21 Aulas

**Bimestre:** 06/07/98 À 20/09/98

## PLANO DE UNIDADE nº 01

### III Unidade

#### 01- OBJETIVO GERAL

Apresentar as diversas particularidades, econômicas, sociais, políticas e culturais vivenciados no Brasil do II Império.

#### 02- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Compreender que o II Reinado significar a consolidação política para o país;
- b) Compreender a evolução da política interna no II Reinado;
- c) Compreender a evolução do parlamentarismo brasileiro dentro da política interna ao II Reinado;
- d) Apresentar os principais condicionantes da política externa no II Reinado;
- e) Entender que a consolidação política no Brasil tem seu fundamento na evolução econômica, especificamente no desenvolvimento da cultura cafeeira;
- f) Discutir o desenvolvimento da Indústria no Brasil no decorrer do século XVII.

#### 03- CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- 3.1 - Retrospectiva do I Império;
- 3.2 - A política interna do II Império;
  - a) O parlamentarismo
- 3.3 - A política externa;
- 3.4 - A economia;
  - a) A Indústria;
- 3.5 - A Sociedade;
  - a) Os grupos sociais.

#### 04- METODOLOGIA

- Aula expositiva - dialogada;
- Utilização do quadro para giz;
- Giz;
- Aplicação de textos;
- Mapas;
- Cartazes;
- Roteiros.

#### 5) AVALIAÇÃO

Continua: com exercícios de verificação de aprendizagem.

#### 6) BIBLIOGRAFIA: COMPLEMENTAR

- BARBOSA FILHO, Milton Benedito; STOCKLER, Maria Luiza Santiago. História do Brasil: do Império à Nova Republica 3.Ed., Scipione, 1988;
- COTRIN, Gilberto, ALENCAR, Álvaro Duarte de.. Do Descobrimento à Independência para um Geração Consciente. 6.E., São Paulo: Saraiva, 1950;
- COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia a Republica: Momentos Decisivos, 1º Ed., São Paulo Grigalbo, 1977;
- MATOS, Clarence José de, NUNES, César A. História do Brasil. São Paulo: Nova Cultural, 1993;
- MOTTA, Carlos Guilherme, LOPES, Adriana. O Brasil Imperial e Republicano 2ºEd., São Paulo, Ática, 1995;
- PAZZINATO, Alceu Luiz, SÊNISE, Maria Helena Valente. História Moderna e Contemporânea. Ática;
- PILETTI, Nelson, Da pré-história do Brasil aos Dias Atuais, 12ºEd., Ática, 1991;
- KOSHIBA, Luiz, PEREIRA, Denise Marize Franze, História do Brasil. 5ºEd., São Paulo: Atual, 1987;
- SILVA, Francisco de Assis, BASTOS, Pedro Ivo de Assis. História do Brasil: Colônia, Império e Republica. São Paulo: Moderna, 1976;
- SILVA, Sérgio. Expansão Cafeeira e Origem da Industria no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega, 1976;
- SOUSA, Oswaldo Rodrigues de. História Moderna e Contemporânea, Ática, 1992;
- VICENTINO, Cláudio. História do Brasil. São Paulo: Scipione, 1997.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 6º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

## **PLANO DE AULA**

Campina Grande

1998



**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: MARIA DAS GRAÇAS SOBREIRA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 6º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 80min.**

**Data 14/07/98**

**PLANO DE AULA nº 01**

**TEMA: II REINADO**

#### 01 OBJETIVO GERAL

- Compreender que o II Reinado significou a consolidação política do país.

#### 02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a - Descrever a crise política no I Império;
- b - Apresentar a significação da abolição de Dom Pedro I;
- c - Mostrar como estava organizado politicamente o I Reinado;
- d - Mostra que as revoltas nas províncias revelam uma insatisfação de que não estava no poder.

#### 03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- a) A Abolição: causas;
- b) Os partidos políticos;
  - b.1) Os Restauradores;
  - b.2) Os Moderados;
  - b.3) Os Exaltados;
- c) As Regências:
  - c.1) As Rebeliões regências.

#### 4.0 METODOLOGIA

- Aula expositiva - dialogada;
- Uso do quadro;
- Uso de Giz;

- Leitura dos textos: "O II Reinado", (em anexo).
- Uso do mapa do Brasil.

## 05 AVALIAÇÃO

Contínua: pela participação dos alunos na sala de aula.

## 06 BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA FILHO, Milton Benedito; STOCKLER, Maria Luiza Santiago. História do Brasil: do Império à Nova Republica 3.Ed., Scipione, 1988;
- COTRIN, Gilberto, ALENCAR, Álvaro Duarte de. Do Descobrimento à Independência para um Geração Consciente. 6,E., São Paulo: Saraiva, 1950;
- COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia a República: Momentos Decisivos, 1º Ed., São Paulo Grijalbo, 1977;

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: MARIA DAS GRAÇAS SOBREIRA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 6º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 40min.**

**Data 17/07/98**

**PLANO DE AULA nº 02**

**TEMA: POLÍTICA INTERNA NO II REINADO**

#### **01 OBJETIVO GERAL**

Compreender a evolução Política Interna no II Reinado.

#### **02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a - Compreender a organização política Imperial no II Reinado;
- b - Mostrar como apresentavam os partidos políticos;
- c - Identificar as revoltas liberais no país;
- d - Descrever a fase de conciliação no Brasil durante o II Império.

#### **03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

- a - A Maioridade;
- b - Os partidos políticos;
- c - Conservadores;
- d - Liberais;
- e - A Revolta Praieira;
- f - O período de conciliação;
- g - A figura de Duque de Caxias.

#### **04 METODOLOGIA**

- Aula expositiva - dialogada;
- Uso do quadro;
- Uso do Giz;
- Leitura dos textos: "O II Reinado", (em anexo).

## 05 AVALIAÇÃO

Continua: com a introdução de um exercício de fixação.

## 06 BIBLIOGRAFIA:

- MATOS, Clarence José de NUNES, César A. História do Brasil. São Paulo: Nova Cultural, 1993;
- MOTTA, Carlos Guilherme, LOPES, Adriana. O Brasil Imperial e Republicano 2ªEd., São Paulo, Ática, 1995;
- PILETTI, Nelson, Da Pré-história do Brasil aos Dias Atuais, 12ªEd., Ática, 1991;

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: MARIA DAS GRAÇAS SOBREIRA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 6º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 40min.**

**Data 24/07/98**

**PLANO DE AULA nº 03**

**TEMA: Política Externa no II Império**

#### **01 OBJETIVO GERAL**

Apresentar os principais condicionantes da política externa no II Reinado.

#### **02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a - Mostrar o envolvimento do Brasil com os conflitos com a Inglaterra;
- b - Debater os fatores que conduziram à discórdia entre o Brasil e Inglaterra;
- c - Debater as campanhas platinas.

#### **03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

- a - A Política Externa;
  - a.1 - O Brasil x Inglaterra;
  - a.2 - A Questão Chirstil;
- b - O Brasil x Uruguai;
- c - O Brasil x Argentina.

#### **4.0 METODOLOGIA**

- Uso do quadro;
- Uso do Giz;
- Mapa;
- Leitura dos textos: "Política Externa", (em anexo).

#### **05 AVALIAÇÃO**

A Avaliação foi realizada através de um exercício de fixação (um caça-palavra).

## 06 BIBLIOGRAFIA

- COTRIN, Gilberto, ALENCAR, Álvaro Duarte de.. Do Descobrimento à Independência para um Geração Consciente. 6,Ed., São Paulo: Saraiva, 1950;
- MATOS, Clarence José de NUNES, César A. História do Brasil. São Paulo: Nova Cultural, 1993;
- MOTTA, Carlos Guilherme, LOPES, Adriana. O Brasil Imperial e Republicano 2ºEd., São Paulo, Ática, 1995;
- KOSHIBA, Luiz, PEREIRA, Denise Marize Franze, História do Brasil. 5ºEd., São Paulo: Atual, 1987;

OBS: este plano de aula é referente a três aulas seguidas.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: MARIA DAS GRAÇAS SOBREIRA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 6º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 40min.**

**Data 21/07/98**

**PLANO DE AULA nº 04**

**TEMA: O PARLAMENTARISMO NO II REINADO.**

### **01 OBJETIVO GERAL**

Compreender a evolução do Parlamentarismo brasileiro, dentro da Política Interna do II Reinado.

### **02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a - Definir o significado de Parlamentarismo;
- b - Mostrar como atuava o Parlamentarismo brasileiro;
- c - Descrever o Parlamentarismo inglês;
- d - Identificar quem exercia a administração no Parlamentarismo;
- e - Diferenciar o significado de sistema de governo e formas de governo, de um país.

### **03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

- a - Definição sobre Parlamentarismo:
  - a.1 - A figura do Rei;
  - a.2 - O Poder Executivo;
  - a.3 - O Poder Legislativo;
- b - O Parlamentarismo Europeu:
  - b.1 - A atuação do primeiro ministro;
  - b.2 - O Poder Legislativo;
  - b.3 - O Poder Executivo;
- c - Regime de Governo;
- d - Formas de Governo.

#### 04 METODOLOGIA:

- Utilização do quadro negro;
- Utilização do Giz;
- Cartaz.

#### 05 AVALIAÇÃO

Continua, com exercícios aplicados em sala de aula.

#### 06 BIBLIOGRAFIA

- PILETTI, Nelson, Da Pré-história do Brasil aos Dias Atuais, 12ªEd., Ática, 1991;
- SILVA, Francisco de Assis, BASTOS, Pedro Ivo de Assis. História do Brasil: Colônia, Império e República. São Paulo: Moderna, 1976;
- SOUZA, Oswaldo Rodrigues de. História Moderna e Contemporânea, Ática, 1992;



**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: MARIA DAS GRAÇAS SOBREIRA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 6º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 40min.**

**Data 31/07/98**

**PLANO DE AULA nº 05**

**TEMA: O CONFLITO ENTRE O BRASIL E O PARAGUAI**

### 01 OBJETIVO GERAL

Apresentar os principais motivos que contribuíram para a eclosão entre o Brasil e o Paraguai no decorrer do século XIX.

### 02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a - Descrever a economia Paraguai no século XI
- b - Entender a organização política do Paraguai durante o século XIX;
- c - Mostra o que era a Tríplice Aliança;
- d - Debater as causas principais do conflito entre o Brasil e o Paraguai;
- e - Descrever as conseqüências da Guerra para o Brasil;
- f - Descrever as causas do conflito para o Paraguai.

### 03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- a - A Economia do Paraguai;
- b - A política Paraguaia: representada pela figura de Solano Lopes;
- c - O sonho de salário: Forma o grande Paraguai;
- d - A Tríplice Aliança;
- e - O Exército Paraguaio;
- f - O Exército Brasileiro;
- g - Duque de caxias;
- h - A Vitória dos Aliados;
- i - A Morte de Solano Lopes;

j - Fragilidade política e econômica no Paraguai;

l - O republicanismo: defendido pelos brasileiros, após a guerra com o Paraguai.

#### 04 METODOLOGIA

- Aula expositiva - dialogada;

- Uso do mapa;

- Leitura de texto 'O Conflito entre o Brasil e o Paraguai, (em Anexo).

#### 05 AVALIAÇÃO

A Avaliação continua: com a introdução de exercícios.

#### 06 BIBLIOGRAFIA

- PAZZINATO, Alceu Luiz, SÊNISE, Maria Helena Valente. História Moderna e Contemporânea. Ática;

- COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia A Republica: Momentos Decisivos, 1º Ed., São Paulo Grigalbo, 1977;

- MATOS, Clarence José de NUNES, César A. História do Brasil. São Paulo: Nova Cultural, 1993;

OBS: Este plano de aula é referente a três aulas seguintes.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: MARIA DAS GRAÇAS SOBREIRA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 6º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 40min.**

**Data 14/08/98**

**PLANO DE AULA nº 06**

**TEMA: ECONOMIA NO II IMPÉRIO**

#### **01 OBJETIVO GERAL**

Entender que a consolidação política do Brasil tem seu fundamento na evolução econômica, especificamente no desenvolvimento da cultura cafeeira.

#### **02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a - Mostra o desenvolvimento do café no Brasil no século XVII e XIX;
- b - Descrever os diferentes aspectos que contribuiriam para expansão cafeeira no Brasil;
- c - Mostra o processo de modernização do país.

#### **03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

- a - A Origem do café;
- b - A expansão cafeeira;
- c - O café nas regiões sul e sudeste;
- d - As exportações de café;
- e - A imigração;
- f - A modernização das cidades.

#### **04 METODOLOGIA**

- Utilização do quadro;
- Utilização do giz;
- Leitura de texto 'Economia no II Império' , (em Anexo).
- Utilização de um mapa: sobre a Economia no II Reinado.

## 05 AVALIAÇÃO

A Avaliação será realizada através de exercícios de fixação em sala de aula.

## 06 BIBLIOGRAFIA

- SILVA, Francisco de Assis, BASTOS, Pedro Ivo de Assis. História do Brasil: Colônia, Império e Republica. São Paulo: Moderna, 1976;
- SILVA, Sérgio. Expansão Cafeeira e Origem da Industria no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega, 1976;

OBS: este plano é representa as três aulas seguintes.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: MARIA DAS GRAÇAS SOBREIRA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 6º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 40min.**

**Data 25/08/98**

**PLANO DE AULA nº 07**

**TEMA: A INDÚSTRIA NO II REINADO.**

#### **01 OBJETIVO GERAL**

Debater o desenvolvimento da indústria no Brasil no decorrer do século XVII.

#### **02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

a - Mostrar a origem da indústria no país;

b - Identificar os diferentes aspectos que contribuíram para o nascimento da indústria;

c - Mostrar o significado da indústria, no processo de modernização do país.

#### **03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

a - A Origem da indústria;

b - Os diferentes fatores que contribuíram para o fracasso da indústria em 1808;

c - O primeiro surto industrial;

d - O segundo surto industrial;

e - Localização das Indústrias;

f - O desenvolvimento das cidades;

g - A economia.

#### **04 METODOLOGIA**

- Aula expositiva - dialogada;

- Utilização do quadro;

- Utilização do giz;

- Leitura de texto ‘A Indústria no II Reinado” , (em Anexo).

## 05 AVALIAÇÃO

A Avaliação será contínua, a partir da introdução de exercícios em sala de aula.

## 06 BIBLIOGRAFIA

- SILVA, Sérgio. Expansão Cafeeira e Origem da Indústria no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega, 1976;
- VICENTINO, Cláudio. História do Brasil. São Paulo: Scipione, 1997.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 3º**

**TURMA: B**

**TURNOS: NOITE**

## **PLANO DE UNIDADE**

Campina Grande

1998

# ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

**DISCIPLINA:** HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL

**ORIENTADOR:** JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO:** ERONIDES CÂMARA DONATO

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA:** ADELÂNDIA GOMES FARIAS

**SERIE:** 3º

**Total de Aulas** 31 Aulas

**Bimestre:** 06/07/98 à 20/09/98

## PLANO DE UNIDADE nº 01

### III UNIDADE

#### 01 OBJETIVO GERAL:

- Discutir os principais contrastes políticos, econômicos e social do II Império;
- Compreender o advento da República do Brasil entre 1889 à 1930.

#### 02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a - Compreender em linhas gerais as diversas particularidade da política interna no I Reinado;
- b - Entender a organização política - administrativa do II Reinado;
- c - Identificar as transformações sócio-econômico no II Reinado no Brasil;
- d - Apresentar as principais questões que culminaram com o fim do escravismo no Brasil;
- e - Compreender o desenvolvimento da República no Brasil entre 1889 à 1930.

#### 03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- 3.1 - O Reinado de D. Pedro I;
  - a - Os contrastes econômicos, políticos;
  - b - Os conflitos internos;
- 3.2 - O Reinado de D. Pedro II;
  - a - O desenvolvimento político:
    - a.1 - Os partidos políticos;
    - a.2 - O parlamentarismo;
    - a.3 - A política externa.



b - A organização econômica:

b.1 - O café;

b.2 - A indústria;

c - Organização social:

c.1 - O desenvolvimento das cidades;

c.2 - Os grupos sociais;

c.3 - O escravo;

c.4 - O trabalho;

c.5 - A educação;

c.6 - A cultura.

#### 04 METODOLOGIA

- Aula expositiva - dialogada;
- Utilização do quadro;
- Utilização do giz;
- Textos;
- Mapas;
- Cartazes;
- Gravuras.

#### 05 AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua. Com a introdução de exercícios nas atividades diárias da classe.

#### 06 BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA FILHO, Milton Benedito, STOCKLEP, Maria Luiza Santiago - História do Brasil: do Império à Nova República. 3ª Ed., Scipione, 1998.
- COTRIN, Gilberto, ALENCAR, Álvaro Duarte de. Do Descobrimento à Independência para uma geração consciente. 6.ª Ed., São Paulo: Saraiva, 1990.
- COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia A República: Momentos Decisivos, 1ª Ed., São Paulo Grigalbo, 1977;
- MATOS, Clarence José de NUNES, César A. História do Brasil. São Paulo: Nova Cultural, 1993;

- MOTTA, Carlos Guilherme, LOPES, Adriana. O Brasil Imperial e Republicano 2ªEd., São Paulo, Ática, 1995;
- PAZZINATO, Alceu Luiz, SÊNSE, Maria Helena Valente. História Moderna e Contemporânea. Ática;
- PILETTI, Nelson, Da Pré-história do Brasil aos Dias Atuais, 12ªEd., Ática, 1991;
- KOSHIBA, Luiz, PEREIRA, Denise Marize Franze, História do Brasil. 5ªEd., São Paulo: Atual, 1987;
- SILVA, Francisco de Assis, BASTOS, Pedro Ivo de Assis. História do Brasil: Colônia, Império e República. São Paulo: Moderna, 1976;
- SILVA, Sérgio. Expansão Cafeeira e Origem da Indústria no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega, 1976;
- SOUZA, Oswaldo Rodrigues de. História Moderna e Contemporânea, Ática, 1992;
- VICENTINO, Cláudio. História do Brasil. São Paulo: Scipione, 1997.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 3º**

**TURMA: B**

**TURNOS: NOITE**

**PLANO DE AULA**

Campina Grande

1998

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: FRANCISCO DE ASSIS CUNHA DE LIMA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 3º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 80min.**

**Data 14/07/98**

**PLANO DE AULA nº 01**

**TEMA: POLÍTICA INTERNA NO PRIMEIRO REINADO**

### **01 OBJETIVO GERAL:**

Compreender em linhas gerais as diversas peculiaridades da política interna no I Império.

### **02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- a - Mostra a crise econômica por que passava o Brasil durante o I Reinado;
- b - Relacionar o autoritarismo de D. Pedro I com seu enfraquecimento político;
- c - Compreender as causas da abdicação de D. Pedro I;
- d - Conhecer o período regencial;
- e - Identificar os conflitos políticos que se manifestaram no período e as figuras de destaque;
- f - Comentar sobre as rebeliões regências;

### **03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

- a - A crise econômica do I Reinado no Brasil;
- b - O autoritarismo de D. Pedro I;
- c - A abdicação de D. Pedro I (1831)
- d - A Regência trina - provisória;
- e - A regência trina - permanente;
- f - Regência de Padre Freijó ;
- g - Regência de Araújo Lima;
- h - As rebeliões regenciais.

#### 04 METODOLOGIA

- Aula expositiva - dialogada;
- Utilização do Mapas do Brasil;
- Utilização do quadro - negro para elaboração de esquema do período;
- Utilização de giz;

#### 05 AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua, levando em consideração a participação dos alunos na sala de aula.

#### 06 BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA FILHO, Milton Benedito, STOCKLEP, Maria Luiza Santiago - História do Brasil: do Império à Nova República. 3ª Ed., Scipione, 1998.
- COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia A Republica: Momentos Decisivos, 1ª Ed., São Paulo Grigalbo, 1977;

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: FRANCISCO DE ASSIS CUNHA DE LIMA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 3º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 80min.**

**Data 21/07/98**

**PLANO DE AULA nº 02**

**TEMA: POLÍTICA NO II IMPÉRIO**

#### **01 OBJETIVO GERAL**

Entender a Organização política - administrativa do II Reinado.

#### **02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a - Compreender as diferentes forças políticas existentes no II Reinado;
- b - Relacionar as diferenças entre o parlamentarismo brasileiro e o parlamentarismo inglês;
- c - Descrever os interesses do Brasil nas campanhas políticas;
- d - Explicar a política externa no II Reinado.

#### **03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

- a - Os partidos políticos;
- b - O parlamentarismo;
- c - A pacificação do país;
- d - A fase de conciliação;
- e - Os conflitos com a Inglaterra;
- f - As campanhas platinas;
- g - Brasil x Uruguai (1864 - 1865);
- h - Brasil x Paraguai (1865 - 1870);

#### **04 METODOLOGIA**

- Aula expositiva - dialogada;

- Utilização de cartaz;
- Utilização do quadro - negro;
- Utilização de giz;

## 05 AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua, pela frequência dos alunos nas aulas;

## 06 BIBLIOGRAFIA

- COTRIN, Gilberto, ALENCAR, Álvaro Duarte de. Do Descobrimento à Independência para uma geração consciente. 6.Ed., São Paulo: Saraiva, 1990.
- MATOS, Clarence José de NUNES, César A. História do Brasil. São Paulo: Nova Cultural, 1993;
- SOUZA, Oswaldo Rodrigues de. História Moderna e Contemporânea, Ática, 1992;
- VICENTINO, Cláudio. História do Brasil. São Paulo: Scipione, 1997.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: FRANCISCO DE ASSIS CUNHA DE LIMA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 3º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 80min**

**Data 28/07/98**

**PLANO DE AULA nº 03**

**TEMA: A “Economia e a Sociedade” no II Reinado**

### **01 OBJETIVO GERAL**

- Identificar as transformações sócio-econômicas no II Reinado, no Brasil.

### **02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a - Compreender a importância do café para o desenvolvimento econômico do Brasil;
- b - Descrever os principais fatores que contribuíram para a expansão cafeeira no sudeste do Brasil;
- c - Apresentar os produtos agrícolas brasileiros que perderam e ganharam importância nas exportações;
- d - Explicar a importância econômica da cafeicultura para a modernização da região sudeste;
- e - Classificar as camadas sociais brasileiras no reinado de D. Pedro II;
- f - Mostrar como se encontrava a educação e a cultura no II reinado;
- g - Descrever os diferentes aspectos que culminaram com o nascimento da indústria no Brasil.

### **03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

- a - Origem do café;
- b - A expansão cafeeira;
- c - A decadência dos produtos tropicais;
- d - O café, cacau, açúcar;



- e - O café e as ferrovias;
- f - O café e as cidades;
- g - Oeste paulista: surgimento de uma nova classe social
- h - A Educação e a Cultura;
- i - As atividades industriais.

#### 04 METODOLOGIA:

- Aula expositiva - dialogada;
- Utilização do quadro - negro;
- Giz;
- Leitura dos textos: A “Economia Cafeeira no II Império” e “A Sociedade no II Império” (em anexo);
- Rotineiro.

#### 05 AVALIAÇÃO

Continua: através de exercícios.

#### 06 BIBLIOGRAFIA

- MOTTA, Carlos Guilherme, LOPES, Adriana. O Brasil Imperial e Republica 2ªEd., São Paulo: Ática, 1995;
- PILETTI, Nelson, Da pré-história do Brasil aos Dias Atuais 12ªEd., Ática, 1991;
- SILVA, Sérgio. Expansão Cafeeira e Origem da Indústria no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega. 1976.

OBS: Este plano de aula corresponde a duas aulas seguintes.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: FRANCISCO DE ASSIS CUNHA DE LIMA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 3º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 80min**

**Data 04/08/98**

**PLANO DE AULA nº 04**

**TEMA:** Do trabalho escravo ao Assalariado.

#### 01 OBJETIVO GERAL

Apresentar as principais questões que culminaram com o fim do escravismo no Brasil.

#### 02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a - Apresentar informação sobre o trabalho escravo e livre no II Reinado;
- b - Compreender os interesses ingleses frente à questão abolicionista;
- c - Mostra as diversas leis que culminaram com a abolição da escravatura;
- d - Apresentar informação sobre a imigração.

#### 03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- a - O trabalho escravo;
- b - Os tratados do Brasil com a Inglaterra;
- c - O fim do tráfico de escravo;
- d - As leis abolicionistas;
- e - A imigração.

#### 04 METODOLOGIA

- Aula expositiva - dialogada;
- Utilização do quadro - negro;
- Giz;
- Leitura dos textos: "Do trabalho escravo ao Assalariado (em anexo);

- Rotineiro.

## 05 AVALIAÇÃO

A Avaliação será realizada através de um caça-palavra.

## 06 BIBLIOGRAFIA:

- PAZZINATO, Alceu Luiz, SÊNISE, Maria Helena Valente. História Moderna e Contemporânea. Ática;
- KOSHIBA, Luiz, PEREIRA, Denise Marize Franze. História do Brasil. 5ªEd., São Paulo: Atual, 1987;
- SILVA, Francisco de Assis, BASTOS, Pedro Ivo de Assis. História do Brasil: Colônia, Império e República. São Paulo: Moderna, 1976

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 3º**

**TURMA: B**

**TURNOS: NOITE**

**PLANO DE UNIDADE**

**Campina Grande**

**1998**

# **ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**DISCIPLINA:** HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL

**ORIENTADOR:** JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO:** ERONIDES CÂMARA DONATO

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA:** ADELÂNDIA GOMES FARIAS

**SERIE:** 3º

**Total de Aulas:** 31 Aulas

**Bimestre:** 06/07/98 À 20/09/98.

## **PLANO DE UNIDADE nº 02**

### **UNIDADE III**

#### **01 - OBJETIVO GERAL**

Apresentar informação gerais sobre o desenvolvimento das seguintes civilizações: Romana, Bizantina e Islâmica, levando em consideração processo de nascimento e decadência do feudalismo na Europa.

#### **02 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a - Compreender a evolução política de Roma;
- b - Discutir as principais atividades sócio-econômico da civilização Romana;
- c - Compreender a organização política no Império Bizantino;
- d - Comentar as principais características do Império Islâmico;
- e - Apresentar informação gerais da política, econômica e sociedade durante o feudalismo.

#### **03 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

3.1 Localização de Roma;

3.2 Origem do povo Romano;

a - Latinos, Sabinos, Samitas, Úmbrios;

b - Os Gregos;

c - Os Truscos;

d - A Lenda.

3.3 A Evolução Política

a - A Realeza;

b - A República;

c - O Império.

### 3.4 A Evolução Econômica

### 3.5 A Sociedade

### 3.6 O Império Bizantino

a - A Política.

### 3.7 O Império Islâmico:

a - O Desenvolvimento político;

b - A organização econômica;

c- A sociedade.

### 3.8 O Feudalismo

a -Definição;

b - As características do feudalismo;

c - A formação dos reinos bárbaros;

d - O papel da igreja.

## 04 - METODOLOGIA:

- Aula expositiva - dialogada;
- Utilização do quadro;
- Uso do giz;
- Uso de textos;
- Uso de mapas;
- Utilização de cartazes;
- Roteiro.

## 05 - AVALIAÇÃO

A Avaliação será contínua, pela participação dos interesses dos alunos em sala de aula.

## 06 - BIBLIOGRAFIA

- CÁRCERES, Florival. História Geral 3º Ed. São Paulo: Moderna.
- CLARENCE, José de Matos, CÉSAR, A. Nuros. História Geral: São Paulo: Nova Cultural, 1993.
- COTRIN, Gilberto, ALENCAR, Álvaro Duarte de, História Geral Antiga e Medieval: Para uma Geração Consciente. 6º Ed., São Paulo: Saraiva, 1990.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE 3º**

**TURMA: B**

**TURNOS: NOITE**

**PLANO DE AULA**

**Campina Grande**

**1998**

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: FRANCISCO DE ASSIS CUNHA DE LIMA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 3º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 80min**

**Data 18/08/98**

**PLANO DE AULA nº 05**

**TEMA: Civilização Romana.**

### 01 OBJETIVO GERAL

Compreender a evolução política de Roma;

Discutir as principais atividades sociais-econômica da civilização Romana;

### 02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a - Entender o processo de povoamento da península Itálica;

b - Conhecer o regime monárquico;

c - Estabelecer os períodos da história;

d - Descrever do ponto de vista político a fase da república;

e - Mostra as atividades socio-econômica, durante a Monarquia e a República.

### 03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

3.1 Localização de Roma

3.2 Origem do povo romano

a - Latinos, Samitas, Sabinos, Umários, que se estabeleceram na Itália

b - Os gregos,; fundaram diversas colônias sul da Itália cuja a região ficou

conhecida como Magna Grécia

c - os turcos; povo que conquistou parte da Itália e consolidou a fundação

de Roma.

d - a Lenda

3.3 Revolução política

a - período da realeza (753 a 509 a. c. )

b - explicar a linha do tempo.



c - O regime monárquico: assessorado pelo Senado e pela Assembléia

Curiata

d - A figura do Rei

e - Organização Social

f - desenvolvimento econômico

### 3.4 A evolução da República em Roma

a - O regime republicano (459a.c. a 31 a. c. )

b - a base da república : Senado

c - a prioridade economia

d - a sociedade: os conflitos sociais

## 4.0 METODOLOGIA

- Aula expositiva - dialogada;

- Utilização do quadro - negro;

- Utilização do Giz;

- Rotineiro

- Utilização de cartaz;

- Leitura dos textos: "Civilização Romana (em anexo);

- Utilização do mapa do Império Romano; .

## 05 AVALIAÇÃO

Continua: por participação e interesse dos alunos;

## 06 BIBLIOGRAFIA

- CÁRCERES, Florival. História Geral. 3ª Ed., São Paulo; Moderna

- COTRIN, Gilberto, ALENCAR, Álvaro Duarte de. História Geral Antiga e Medieval:  
para uma Geração consciente. 6ª Ed., São Paulo; Saraiva; 1990

OBS: este plano de aula é referente a duas aulas seguidas.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: FRANCISCO DE ASSIS CUNHA DE LIMA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 3º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 80min.**

**Data 25/08/98**

**PLANO DE AULA nº 06**

**TEMA: Civilização Romana.**

### 01 OBJETIVO GERAL

Apresentar um panorama político e econômica da fase Imperialista em Roma;

### 02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a - Conhecer a prosperidade econômica durante a fase imperialista em Roma;
- b - Compreender a expansão romana;
- c - Descrever as chamadas guerras púnicas;
- d - Mostra os diversos conflitos existente entre as camadas sociais
- e - Identificar as diferenças dinastias no seio imperialista romano;
- f - Descrever o papel do Cristianismo na Civilização romana;
- g - Mostrar o porque da divisão do Império Romano.

### 03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- a - A Prosperidade econômica: escravos e Impostos
- b - A expansão Imperialista: no mediterrâneo
- c - As guerras púnicas:
  - c.1 - A primeira (264 - 241 a.c.)
  - c.2 - A segunda (218 - 202 a.c.)
  - c.3 - A última (150 - 146 a.c.)
  - c.4 - Cartago: reduzida em uma simples província
- d - As conquistas romanas no mediterrâneo oriental;
- e - Os grupos sociais: patrícios x plebeus x cavaleiros;

- f - As dinastias;
- g - O período do apogeu de Roma;
- h - O Baixo Império;
- i - O processo de ruralização;
- j - O cristianismo;
- l - Constantino;
- m - Teodósio;
- n - A divisão do Império Romano.

#### 4.0 METODOLOGIA

- Utilização do quadro - negro;
- Utilização do Giz;
- Leitura dos textos: "Civilização Romana" (em anexo);
- Rotineiro
- Utilização do mapa do Império Romano; .
- Cartaz.

#### 05 AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua. Pela participação dos alunos na classe.

#### 06 BIBLIOGRAFIA

- CLARENCE, José de Matos, CÉSAR, A. Nunes. História Geral: São Paulo; Nova Cultura, 1993.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA**

**PROFESSOR: FRANCISCO DE ASSIS CUNHA DE LIMA**

**DISCIPLINA HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL**

**ORIENTADOR: JOSÉ APOLINÁRIO DO NASCIMENTO**

**COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**PROFESSORA ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS**

**SERIE: 3º**

**TURMA: A**

**TURNO: NOITE**

**CARGA HORÁRIA 80min.**

**Data 01/09/98**

**PLANO DE AULA nº 07**

**TEMA: Feudalismo**

### 01 OBJETIVO GERAL

- Apresentar informações gerais da política, economia e sociedade durante o Feudalismo.

### 02 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a - Conhecer a definição do que seja Feudalismo;
- b - Apresentar as principais características do Feudalismo no mundo;
- c - Compreender a formação dos Reinos Bárbaros;
- d - Identificar as diversas dinastias existentes no império romano durante o século V;
- e - Colocar alguns aspectos da Dinastia Carolíngia;
- f - Descrever o papel da Igreja no Feudalismo;

### 03 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- a - Definição do Feudalismo;
- b - As características principais;
  - b.1 - Politicamente:
    - a - poder descentralizado
    - b - O papel dos senhores feudais
    - c - Os Vassalos
  - b.2 - Economicamente:
    - a - O feudo: unidade de produção;

- b - O castelo: constituía o Burgo;
- c - Os impostos;
- d - O costume
- e - O cometatus;

b.3 Socialmente:

- a - O senhores x servos;
- b - Os homens livres;
- c - os escravos;
- d - A nobreza;

c - Os Reinos Bárbaros:

- c.1 - As Dinastias;
- c.2 - A dinastia Carolígia;

c - A Igreja:

- d.1 - A Inquisição.

#### 4.0 METODOLOGIA

- Utilização do quadro;
- Giz;
- Rotineiro
- Leitura dos textos: "Feudalismo" ; (em anexo).

#### 05 AVALIAÇÃO

Continua: pela participação e interesse dos alunos na sala de aula.

#### 06 BIBLIOGRAFIA:

- CÁRCERES, Florival. História Geral 3ªEd., São Paulo: Moderna.

Escola Estadual de 1ª e 2ª Grau Ademar Velozo da Silveira- Bodocongó

Professora): Francisco de Assis Cunha de Lima

Disciplina: História do Brasil

Estagiária: Adelândia Gomes Farias

## A ECONOMIA CAFEIRA -II IMPÉRIO

### 1. Condições Internas:

Durante o Segundo Reinado, realizou-se uma verdadeira transformação no âmbito das atividades produtivas no Brasil. Essa transformação, não modificou no entanto o papel destinado ao País de fornecedor de produtos tropicais às potências industrializadas, possuidora de capitais.

Dois fatos importantes merecem destaques nessa transformação: Um de natureza geográfica: O deslocamento do eixo econômico do Nordeste para a região Sudeste e Sul (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais). Outro é a decadência das lavouras tradicionais do Brasil (cana-de-açúcar, algodão, tabaco). Resultado da concorrência internacional, da baixa de preços nos mercados externos e da retração das nossas produções agrícolas. Dessa forma, a lavoura tradicional passou por uma série de crises nas primeiras décadas do século XIX.

Paralelo a esses dois motivos desenvolve-se no Brasil um gênero até então de pequena importância: o café, que acabará por figurar quase isolado na balança comercial favorável.

Apesar de introduzido no Brasil em 1727, a produção de café só adquiriu importância no início do século XIX, com a decadência da produção do ouro, para o qual estavam voltadas todas as atenções da colônia no decorrer de quase todo o século XVIII.

Além disso, a Independência dos Estados Unidos 1776, contribuiu para expandir a produção brasileira de café. Grandes consumidores voltaram-se para o produto brasileiro, por duas razões: primeiro, para livrar-se da importação da Inglaterra e de suas colônias; Segundo, pela proximidade geográfica.

depois do Alvará de liberdade industrial, em 1808, fracassaram. As razões do fracasso: a falta de capitais disponíveis, de uma política protecionista, de um mercado consumidor capaz, de uma mentalidade empresarial e, além disso o fato de a Inglaterra dificultar ao máximo as importações de maquinárias.

Contudo, por volta de 1850, ocorreu o primeiro surto industrial graças as emissões de moeda, ao capital oriundo do tráfico negreiro e ao "protecionismo", originado da tarifa Alves Branco.

A partir da segunda metade do século XIX, um novo surto industrial, graças ao capital provindo do setor cafeeiro e ao desenvolvimento do mercado consumidor interno, cujo principal responsável foi o emigrante. Portanto, nota-se que a indústria no Brasil no século XIX estava em fase de formação, onde predominava a indústria de fiação de algodão, e que a industrialização do País só ocorreria mais tarde no século XX.

#### EXERCÍCIO

1. Fale um pouco do desenvolvimento do café?
2. Identifique as regiões brasileiras onde o café predominava?
3. Com o aumento das exportações de café quais as consequências imediatas para o Brasil?
4. Quais os fatores que contribuíram para equilibrar financeiramente o País?
5. Com suas palavras faça comentários sobre a Indústria no Brasil?

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOZO DA SILVEIRA  
DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL  
PROFESSOR: FRANCISCO DE ASSIS CUNHA DE LIMA  
TURNO: NOITE - TURMA: 3º B  
ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS

### CIVILIZAÇÃO ROMANA

#### 1- Localização:

A Itália se localiza ao Ocidente da Grécia na Península Apenina.

Apoiada nas pesquisas arqueológicas, a História conta o nascimento de Roma, diferente da tradição lendária. No ano 2.000 a. c; diversas populações conhecidas como itálicas ou itálicos ( latinos, sabinos, samitas, úmbrios, volcos) instalaram-se na Itália, fazendo surgir uma aldeia de pastores.

Por volta do século VIII, chegam a Itália mais povos: gregos e etruscos.

Os Latinos: habitavam o curso inferior do Rio Tigre;

Os Sabinos: habitavam as montanhas. Viviam do saques;

Os Samitas habitavam a parte Sul da Itália, próximo as colônias fundada pelos gregos. Estes organizavam-se em comunidades pastoris, que se reuniam em tribos;

Os Volcos: tribo que habitava os contrafortes dos apeninos;

Os Gregos: fundaram colônias na parte Sul da Itália. A região ficou conhecida como Magna Grécia.

Os Etruscos: outro povo de origem desconhecida. Conquistou parte do norte da Itália. Além daquilo que revela a Arqueologia, não sabemos muito sobre os Etruscos: eram bons agricultores, artesões, viviam em cidades-estado independentes governada por diferentes reis.

#### 2- Origem Lendária:

De acordo com a tradição lendária, Roma teria sido fundada no século VIII, por dois irmãos gêmeos: Rômulo e Remo netos do Rei de Alba Longa. Ainda recém-nascidos, foram jogados no Rio Tigre dentro de um cesto. Levado pela correnteza, o cesto encalhou ao Monte Palatino. Ali, os dois irmãos foram encontrados por uma loba que os amamentou. Mais tarde, um pastor os educou.

Já adultos, Rômulo e Remo reconquistaram o trono de Alba Longa para o seu avô e receberam a missão de fundar uma aldeia. Surgiu então, uma disputa entre ambos, que resultou no assassinato de Remo. Rômulo vitorioso fundou uma cidade de Roma em 753 a.c. cujo nome deriva de Rômulo.

#### 3-A Evolução Política de Roma:

A história política de Roma é dividida em três momentos distintos: Monarquia ( 753 a.c. a 509 a.c.), República (509 a.c. a 31 a.c.) e Império ( 27 a.c. a 476 d.c.).

**Monarquia:** O período monárquico iniciou-se por volta do século VIII, quando uma revolta da aristocracia, depôs o último Rei Tarquinio, o soberbo. Por ele ter se aproximado das camadas populares.

Durante a Monarquia, a organização social era a Gens. Comunidade formada por um grupo extenso de pessoas, que se reconheciam como descendentes de um antepassado comum.

A Gens romana, não tinha característica de comunidade igualitária, pois, constituía uma organização paternalista, detentora de escravos e terras.



Em Roma, escravos e terras constituíam riquezas. E a forma encontrada para consegui-los era sobretudo por meio das guerras. Assim aumentavam a mão-de obra-escrava, para atender os interesses dos grandes proprietários de terras e de escravos.

Os romanos levaram 230 anos para conquistar toda a Itália. As primeiras guerras tinham um carácter diferente: a prosperidade de Roma atraía a cobiça dos países vizinhos e, para defender seu território, os romanos acabavam conquistando mais terras.

Por volta de 260 a.c; após a derrota dos etruscos os romanos obtiveram o controle total da península itálica.

Na sua expansão pelo Mar Mediterrâneo Ocidental, tiveram que enfrentar Cartago, poderosa potência marítima, situada no norte da África. Três longas guerras foram necessárias para transformar Cartago em em uma simples província romana (14 5a.c).

Durante essas guerras Roma anexou as ilhas da Córsega, Sardenha, e da Sicília, conquistou a Gália Cisalpina e anexou a Península Ibérica. Após a conquista do Mediterrâneo Ocidental, os romanos se voltaram para o oriente. A Grécia já havia sido submetida em 271 a.c. No século, I, a.c. foram conquistados os reinos da Ásia Menor, a Síria e finalmente o Egito (30 a.c). Roma, assim atingia sua máxima expansão, era a dona absoluta do Mediterrâneo.

Com essas conquistas, resultou em transformação na sociedade romana, que culminou com a queda da República e o aparecimento do Império.

Império Romano:

Com as transformações na economia, política e sociedade. Os romanos passariam a se fundamentar na compra e vendas de escravos captura dos nas guerras.

Socialmente, apareceu em Roma uma nova classe, de ricos comerciantes, os cavaleiros: antigos plebeus que possuíam algum capital; e que aplicavam em atividades rendosas, escravos, impostos etc.

Como verificamos, o trabalho escravo estava contido nas fazendas trabalhando para sustentar a economia.

O Estado, por sua vez nesta ordem passou a distribuir pão a comunidades dos escrava e plebéia que não podia se sustentar.

Por conta dessa situação, os conflitos se generalizaram entre patrícios e plebeus, depois entre patrício e cavaleiro. O que fazia aumentar mais ainda o poder dos aristocráticos.

A partir desses conflitos das diferentes classes, surge uma nova classe dos plebeus em ascensão e o Exército Profissional. Era, justamente a formação do primeiro Triunvirato.

Daí, por diante o Império Romano passou por mais um Triunvirato. Era o segundo, representado por Caio Otávio, Marcos Antônio e Lépido.

Com a divisão do poder entre os mesmos, houve um enfraquecimento dos patrícios, sendo expurgos do Senado. Milhares de inimigos foram presos e cassados.

Este poder dividido, durou pouco tempo. Lépido, foi afastado do poder para as funções religiosas. Otávio, sobrinho de César, atacou Marco Antônio. Este, por sua vez, fugiu com Cleópatra para o Egito.

Perseguidos pelo exército de Otávio, quando as tropas romanas, tomaram Alexandria. Antônio e Cleópatra, suicidou-se. Otávio começou a estabelecer uma nova forma de governo, escondendo a aparência do regime republicano.

Com receio de perder seus privilégios. O Senado acumulou Otávio de inúmeros títulos. Era o absolutismo Teocrático.

Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus Ademar Velozo da Silveira  
Professor: Francisco de Assis Cunha de Lima  
Disciplina: História Geral e do Brasil  
Estagiária: Adelândia Gomes Farias

## A SOCIEDADE NO II IMPÉRIO

Durante o período colonial, formo-se no Brasil uma verdadeira Sociedade marcada pela Casa-Grande e Senzala. Esse mundo de brancos e negros, de proprietários e trabalhadores escravos, era um Mundo essencialmente rural.

A partir do Século XIX, nasce um novo tipo de sociedade, mais urbana, centralizada nos sobrados e nos mocambos. Os sobrados, dos senhores de açúcar, cacau, fumo, algodão e por não dizer do café, dominavam o cenário social. Os mocambos, estes aglutinavam uma população pobre, marginalizada, os escravos. Este Mundo sem dúvida, era o dos chicotes, dos discriminados, dos excluídos da sociedade. O escravo nessa sociedade, significava uma mercadoria de valor, que podia ser comercializada, alugada, trocada etc. Nas fazendas de café, havia a Casa Grande e a Senzala.

Ainda nessa Ordem Social existiam os libertos, e a população livre, pobre, que raramente conseguiam ascensão social e profissional.

Com o aparecimento do café nas regiões Sul e Sudeste do Brasil surge no seio da vida social brasileira, novos proprietários, fazendeiros do café, contrapondo-se aos proprietários de engenhos.

Esses novos proprietários das fazendas de café, passaram a ter um papel importante na sociedade. Possuíam uma mentalidade empreendedora, pois os lucros oriundos da venda do café, eram aplicados ou investidos em maquinários, que aos poucos tornam o sudeste um pólo industrial.

O desenvolvimento do café, promoveu também o crescimento de cidades e nelas, o nascimento de uma classe média, composta de funcionários de altos postos, emigrantes, comerciantes, militares, médicos e advogados.

### A Educação

A Educação primária no Brasil, durante o Segundo Reinado, era das piores.

Faltavam escolas e professores qualificados. Além disso os poucos professores que existiam eram mal remunerados.

Quanto ao ensino, primário e superior, os métodos eram ultrapassados. Um ensino livresco, acadêmico, humanístico, completamente dissociado da realidade da época.

A maioria dos burocratas havia estudado direito na Universidade de Coimbra em Portugal. Outros em contrapartida, educaram-se no Brasil, na Faculdade de Direito em Recife, ou em São Paulo.

Igualmente, à educação dos pais, os filhos da elite, também foram educados na Europa. A França é um exemplo disso; muitos estudantes quando educados na Europa chegavam no Brasil, defendendo idéias iluministas. Chegaram a pregar a abolição da escravatura, uma maior participação da sociedade nas decisões políticas.

### A Carreira Política

O ingresso na carreira política começava com um posto na magistratura. O recém formado numa escola de Direito se tornava juiz

Escola Estadual de 1º e 2º Grau Ademar Velozo da Silveira- Bodocongó  
Professor: Francisco de Assis Cunha de Lima  
Disciplina: História Geral e do Brasil  
Estagiária: Adelândia Gomes Farias

## SEGUNDO REINADO

### DO TRABALHO ESCRAVO AO ASSALARIADO

As agitações que se seguiram à independência se prolongaram pelo Segundo Reinado. Embora com menos intensidade, tiveram como uma das causas estruturais o trabalho escravo. A escravidão constituía o limite do desenvolvimento do mercado interno e do consumo de manufaturas internacionais. Contra essa situação, a Inglaterra decidiu abolir o tráfico negro.

O tratado de 1831 formalizou o fim do tráfico negro, mas, este, ao invés de ser extinto, continuava a aumentar. Assim, em 1845 a Inglaterra decreta o Bill Aberdeen. Essa lei declarava ilegal o tráfico de escravos e dava ao Governo inglês o direito de aprisionar navios negreiros de qualquer nacionalidade e julgar os traficantes de acordo com suas leis.

Após o aprisionamento de alguns navios brasileiros, nosso Governo acabou cedendo. Em março de 1850, o Governo inglês pressionou o Império brasileiro, ameaçando declarar guerra se o Brasil não cumprisse os tratados. Dessa forma, a Lei Eusébio de Queiroz, colocou fim ao tráfico negro no Brasil. A economia do Império mudou de rumo: os capitais antes empregados na compra de escravos, passaram agora a estimular atividades comerciais, financeiros e industriais; ao mesmo tempo, incentivava-se a luta pela abolição do tráfico escravo.

As principais consequências da extinção do tráfico de escravos no Brasil foram as seguintes: primeiro, houve uma diminuição no número de escravos no País, o que fez aumentar o seu preço; segundo, como o Brasil estava passando por uma crise econômica, devido a concorrência internacional. Muitos proprietários de terra do sudeste, passam a comprar escravos na região nordeste; terceiro, os barões de café, além de comprarem escravos, passaram a estimular a vinda dos imigrantes; quarto, os antigos traficantes de escravos passaram a investir seus capitais em outras atividades econômicas: comércio e indústria.

Paralelamente às pressões inglesas contra a escravidão, o Império tentava resolver o problema da falta de mão-de-obra nos cafezais, os proprietários tiveram que procurar alternativas. Por isso, durante o século XIX, aumentou bastante a imigração no Brasil. Nicolau Vergueiro, fazendeiro de São Paulo, iniciou a utilização do trabalho assalariado com a vinda em 1817 de imigrantes europeus para as fazendas. O esquema adotado era o de parceria: o contrato entre fazendeiros e imigrantes estabelecia que as despesas de viagem e transportes até a fazenda, bem como a manutenção e instalação da família imigrante, corriam por conta do proprietário. O imigrante plantava, colhia e beneficiava o café.

Após a venda do produto, o fazendeiro descontava os gastos que tivera com o imigrante, dividindo entre os dois a quantia que restava. Naturalmente, nessa hora revelavam-se ilusórias todas as promessas feitas aos colonos. Resultado, o sistema de parceria fracassou, isto, porque o fazendeiro, acostumado com a escravatura tratava o colono como escravo.

Em função disso, os governos dos países europeus passaram a proibir a emigração. Após 1870, interessado em resolver o problema da falta de trabalhadores para os grandes proprietários de terras produtores de café, o governo brasileiro retomou a política de incentivo à imigração.

Os imigrantes desempenharam importante papel na história do País: o povoamento de várias regiões, principalmente o Sul; a urbanização e auxílio à implantação de indústrias, a intensificação do comércio inter.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOZO DA SILVEIRA  
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL  
PROFESSOR Francisco de Assis Cunha de Lima  
TURMA 3º B  
ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS

### FEUDALISMO

Inicialmente, o feudalismo pode ser definido como uma maneira dos homens ganharem a vida, isto é, um sistema econômico-social que nasceu da integração do escravismo romano com a cultura dos bárbaros germanos.

Suas características principais podem ser resumidas do seguinte modo:

1- Politicamente: O poder político era descentralizado, quer dizer, ao invés de estar nas mãos do Rei, era exercido pelos senhores feudais, controladores da propriedade da terra e das armas. O poder real era mais nominal pelo vínculo estabelecido no benefício de doar terras aos senhores nobres que tornavam seus vassallos. O Rei era o suserano e o nobre que recebia a terra era o vassallo. Este tinha obrigações e direitos específicos: o vassallo devia ao suserano o serviço militar, hospedagem, comparecimento ao tribunal dos iguais, contribuição para o dote e armação dos filhos do suserano. Por outro lado, o suserano deveria garantir proteção militar ao vassallo, a posse do feudo, tutoria dos herdeiros e viúvas, em caso de morte. O mesmo acontecia entre os vassallos e nobres menos poderosos, seus guerreiros, criando assim uma complexa rede de vassalagem;

2- Economicamente: no modo de produção feudal, as relações ao nível da elite terminaram sendo reproduzidas também, entre o senhor e o servo. Vejamos: as terras pertenciam aos senhores e para alguém cultivá-la, devia assinar um contrato entre o senhor e o servo, onde a prestação de serviços é recíproca. Ao senhor cabia: fornecer terra, moradia, proteção. Ao servo cabia: o cultivo da terra, fidelidade ao senhor, nunca abandonar o feudo e pagar os dízimos.

O feudo era a unidade de produção: as terras eram divididas assim: a reserva do senhor, cultivada pelos servos gratuitamente mais ou menos dois dias por semana, cuja produção era destinada ao senhor e sua família; Ao servo cabia um lote para manter a família e pagamento das obrigações devidas ao senhor; as terras comunais com pastos, bosques, pastos e pradarias, terrenos baldios, utilizados por senhores e servos.

O Castelo fortificado do senhor constituía o Burgo.

Anualmente os servos pagavam a Talha, taxa pelo uso da terra, o dízimo de utilização dos moinhos e fornos. Portanto, as relações de produção servis: servidão e a corvéia, predominaram até o renascimento do comércio. Não é possível entender tudo isto, se não compreendermos que o costume era a Lei. O costume portanto, é a chave para entendermos o feudalismo. A origem deste costume foi o Colonato-sistema de trabalho onde o camponês apareceu vinculado a um lote ocupado, sem jamais abandoná-lo; nas vilas romanas, no final do Império tenderam a ser auto-suficientes; na descentralização do poder político oriunda da tomada das terras pelos bárbaros que obrigavam aos conquistados do Império a trabalhar. O Comitatus, como instituição bárbara consistia na fidelidade que se estabelecia entre chefe e os guerreiros. No entanto, a fusão do escravismo com a cultura bárbara, resultou em um sistema, chamado de feudalismo.

3- Socialmente: A propriedade territorial, o feudo era o fundamento da divisão social entre senhores e servos. Havia porém, os homens livres-os vilões- e às vezes, os escravos. Os senhores da nobreza: Condes, Duques, Marqueses que se distinguiam dos senhores eclesiásticos, pelo fato destes serem clérigos.

Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus Ademar Valoso da Silveira  
Professora: Maria da Graças Silveira  
Disciplina: História do Brasil  
Estagiária: Adelândia Gomes Farias

## O II Reinado

### Introdução

O presente texto, tem a finalidade de oferecer aos alunos a oportunidade de ter em mãos as informações sobre parte do assunto, que é o II Reinado, tema do bimestre terceiro.

#### 1. As Regências

O período que antecede ao II Reinado chamamos de Regências, porque após a renúncia de D. Pedro I em 1831, o Brasil passou a ser governado por Regentes. Assim tivemos: a Regência Trina Provisória em 1831; a Regência Trina Permanente em 1831 até 1835; a Regência Una do Padre Feijó de 1835 até 1837. e a Regência de Araújo Lima de 1837 até 1840.

Durante as Regências, o Brasil viveu um período de instabilidade política, pelas revoltas que surgiram como: a Cabanagem no Pará de 1835 a 1838; a Sabinada na Bahia entre 1837 e 1839; a Balaiada no Maranhão entre 1838 e 1841; a Guerra dos Farrapos ou Farroupilha no Rio Grande do Sul entre 1835 e 1845.

Portanto, o II Reinado se inicia com o Governo de D. Pedro II nesta situação.

#### 2. A Maioridade

Por Maioridade deve-se entender o golpe dado pelos congressistas, quando elevaram a idade de D. Pedro II de 16 para 18 anos, a fim de assumir o Trono, e assim governar o Brasil. Os Deputados e Senadores fundaram um clube com a finalidade de proclamar D. Pedro II, Imperador.

#### 3. Os Partidos Políticos

No II Reinado, apesar de existir um Imperador, os partidos políticos ocuparam o poder, se alternando. Portanto, ora estava no poder o partido Conservador, ora governava o partido Liberal. Esses partidos apresentavam mais semelhanças e interesses comuns que diferenças. Naquele tempo, o ingresso nos partidos, só era permitido aos ricos fazendeiros. O voto era censitário: só podia votar quem tivesse uma renda alta. Quem estivesse no poder, conseguia dominar todos os cargos mais importantes das Províncias, desde presidentes até funcionários.

### A Política Interna

#### 1. O Parlamentarismo

Em 1847, foi criado pelo Imperador, o cargo de Primeiro Ministro, que presidia o Conselho de Ministros do Império. Implantou-se com isso o Parlamentarismo. Parlamentarismo é um sistema de governo em que o Rei nomeia o Primeiro Ministro que se torna Chefe do Poder Executivo, portanto Administrador do País. O Rei tinha o Poder Supremo, porque o Poder Moderador atribuía ao Rei o poder de dissolver a Câmara, e demitir Ministros. Também, utilizando esse poder, promovia o Rei a alternância no Governo entre os Partidos Liberal e Conservador, sem levar em conta o acordo entre partidos.

#### 2. O Fim das Revoltas

No início do Reinado de D. Pedro II, ele se preocupou em acabar com as revoltas que ainda estavam acontecendo. Assim, a Balaiada no Maranhão terminou em 1841 e a Farroupilha no Rio Grande do Sul em 1845, foram sufocadas. Em 1842 os Liberais se revoltaram em São Paulo e Minas Gerais, quando os Conservadores assumiram o Ministério. Os Liberais foram liderados em São Paulo pelo Padre Feijó. E em Minas Gerais por Teófilo Otoni.

Escola Estadual de 1ª e 2ª Grau Ademar Velozo da Silveira-Bodocongó

Professora: Maria das Graças Sobreira

Disciplina: História do Brasil

Estagiária: Adelândia Gomes Farias

### O CONFLITO ENTRE O BRASIL E O PARAGUAI

A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado da história da América do Sul.

Até os meados do século XIX, o Paraguai era um País de economia desenvolvida e forte: produzia tudo que necessitava, exportava mais do que importava, não dependia de empréstimos do exterior, nem tão pouco da hegemonia comercial e financeira da Inglaterra. O Paraguai havia sido uma exceção, fechou suas fronteiras aos estrangeiros e promoveu o desenvolvimento do País. Prova disso, foi as altas taxas de alfabetização em 1840.

O Paraguai nesse momento encontrava-se governado por Solano Lopes, um verdadeiro ditador, que tinha um sonho de formar o Grande Paraguai. Portanto, anexaria alguns territórios dos países vizinhos (Brasil, Uruguai e Argentina), obtendo uma saída para o Oceano Atlântico.

O Paraguai tratou-se de organizar-se militarmente, formando um forte e equipado exército. Sentia-se ameaçado pelos Países próximos: A Argentina, por não ter reconhecido sua independência em 1811; O Brasil, por fazer constante intervenções na região platina.

Segundo Solano Lopes, estes dois países poderiam colocar em risco a independência do Uruguai bem como o Paraguai. O Paraguai estava pronto para enfrentar um combate e, quando o Brasil invadiu o Uruguai para depor o Presidente Aguirre, Solano Lopes teve o pretexto para a declaração de guerra e a invasão do Sul do Mato Grosso e de parte da Argentina e do Rio Grande do Sul.

Essa atitude do Paraguai, levou em 1865 a formação da Tríplice Aliança formada pelo Brasil, Uruguai e Argentina, unidos contra o Paraguai. O Presidente Argentino assumiu o comando das forças aliadas.

Na verdade, o que os aliados queriam era garantir a livre navegação nos rios Paraguai e Paraná.

A Guerra foi marcada por atrocidades, atos de heroísmo, mortes por doenças e incompetência militar de ambas as partes.

Lopes começou a Guerra invadindo a província do Mato Grosso, tomando o Forte de Coimbra e depois Corumbá. Logo em seguida invadiu a Argentina.

Quando começou a Guerra as forças paraguaias eram superiores às da tríplice aliança. Isso fez com que o Exército paraguaio adquirisse várias vitórias contra os aliados. Foi preciso à tríplice convocar verdadeiros voluntários para o conflito. Estes passaram a ser chamados de Voluntários da Pátria.

Houve, porém, a vitória brasileira na batalha naval do Riachuelo, devido a superioridade da Marinha do Brasil.

Novamente, os aliados são derrotados na Batalha do Curupaiti. Mas, com a reorganização do Exército brasileiro a tríplice aliança obtiveram várias vitórias: A de Tuiuti, Avaí, Itororó, Valentinas e Angostura.

Completamente derrotado Solano Lopes foi cercado e morto em Cerro Corá em 1870.

Enfim, a Guerra do Paraguai se constituiu num dos maiores massacres da história da América. Dos 800.000 habitantes paraguaios, restaram apenas 154.000. O Paraguai ainda perdeu parte de seu território para a Argentina. A sua dívida externa aumentou, provocando até hoje um desequilíbrio econômico e financeiro.

Já o Brasil, saiu fortalecido, coeso. Agora, os Militares que tiveram contato com outras culturas, passaram a defender o republicanismo com o fim do escravismo.

Escola Estadual de 1º e 2º Grau. Ademar Velozo da Silveira- Bodocongó  
Professora: Maria das Graças Sobreira  
Disciplina: História do Brasil  
Estagiária: Adelândia Gomes Farias

## SEGUNDO REINADO

### 1. Política Externa :

Durante o Segundo Reinado, o Brasil envolveu-se com alguns conflitos com a Inglaterra que não queria reconhecer nossos direitos como Nação independente. Esses conflitos consistiram na chamada Questão Christie e culminaram com o rompimento temporário das relações diplomáticas entre os dois países.

Dois fatores provocaram o início da discórdia. Em 1861 o roubo da carga do navio inglês Príncipe de Gales, naufragado no Rio Grande do Sul, isto causou irritação do embaixador inglês William Christie, que descontente exigiu do governo brasileiro uma indenização, que lhe foi negada. Em decorrência disso, a Inglaterra ameaçou o Brasil, enviando navios de guerra.

Ao mesmo tempo, outro incidente ocorria: a prisão de três oficiais da Marinha inglesa que, vestindo roupas civis e embriagados, provocaram desordens no Rio de Janeiro. Estes foram presos e liberados em seguida. Mais uma vez William exigiu providências do Governo do Brasil, pedindo a punição aos policiais que havia efetuado a prisão. Por não atender o pedido do embaixador a Inglaterra enviou navios de guerra ao litoral brasileiro, aprisionando alguns navios mercantes.

Mais tarde D. Pedro II, decidiu pagar a Inglaterra a indenização pelo roubo do navio. No entanto os ingleses não apresentaram desculpas oficiais, exigidas pelo governo brasileiro, o que determinou o rompimento diplomático, só reatada mais tarde em 1865.

### 2. As Campanhas Platinas:

O governo brasileiro também envolveu-se a partir de 1850, numa série de atritos na região do Rio Prata. A região do Rio Prata é formada pela área banhada por três rios-Paraná, Paraguai e Uruguai.

Estes conflitos tinham como causas, os problemas de fronteiras, bem como a navegação nos rios Paraná e Paraguai, pelos os quais o Mato Grosso se ligava ao Oceano Atlântico.

#### 2.1 Brasil X Uruguai 1850-1852

Desde a Independência do Uruguai, em 1828, dois partidos políticos disputavam o poder: o Blanco representado por Oribe e o Colorado, representado por Rivera.

Quando os blancos tomam o poder, tinham o apoio de Rosa ditador argentino, que sonhava em unir os territórios do Rio Grande do Sul, do Uruguai e do Paraguai ao seu, para formar uma só nação. Além dessas pretensões de Rosa, o Brasil tinha outras duas razões para intervir no conflito: Os grupos ligados ao Partido Blanco, hostil ao Brasil passaram a fazer ataques às fazendas gaúchas em busca de mantimentos; E o temor de que uma aliança entre o Uruguai e a Argentina controlasse a navegação no Rio Prata.

Por esses motivos, o Brasil aliou-se aos partidários de Rivera derrotando Oribe. Em seguida voltou-se contra Rosas, que foi derrotado em 1852 na Batalha de Monte Caseros.

#### 2.2 Brasil X Uruguai 1864-1865

Novamente o Brasil se volta contra o Partido Blanco no Uruguai. Com isso voltaram os desentendimentos com os brasileiros; as inva-

Escola Estadual de 1º E 2º Graus Ademar Velozo da Silveira  
Disciplina: História do Brasil  
Série: 6ª A  
Estagiária: Adelândia Gomes Farias

## ECONOMIA NO SEGUNDO REINADO

### 1-PRODUÇÃO AGRÍCOLA

O café é uma planta originária da África. A partir do século XVIII, passou a ser cultivado em outras regiões tropicais. No Brasil a planta foi introduzida no Pará em 1720. Propagou-se imediatamente pelo estado, atingindo-se ainda, Santa Catarina e Goiás. A princípio o café destinava-se ao consumo interno, ou seja, os proprietários de terras produziam o produto para ser vendido nas Minas.

### 2-EXPANSÃO AGRÍCOLA

Vários fatores contribuíram para a expansão do café em terras brasileiras: primeiro, a própria crise econômica-financeira pela qual o Brasil estava passando em pleno século XIX, decorrente da concorrência internacional, da baixa de preços nos mercados externos e da retração de nossas produções agrícolas.

O açúcar: sofria a concorrência antilhana, principalmente de Cuba, que passou a fornecer açúcar para o mercado norte-americano. Além disso, o açúcar de cana sofria, na Europa, a concorrência do açúcar de beterraba.

O algodão: a produção brasileira que havia crescido na segunda metade do século XVII, devido a guerra de independência dos Estados Unidos, agora, sofria a concorrência norte-americana cuja produção era mais barata.

O fumo: com a queda da produção do açúcar e do algodão, a produção do fumo também foi afetada. Principalmente depois da extinção do tráfico negreiro, pois o Brasil perdeu o seu mais importante mercado consumidor: os escravos.

Com a decadência desses produtos, a economia entra em crise, passando a se equilibrar com a produção cafeeira.

Segundo, com a crescente crise econômica muitos fazendeiros do Sul e Sudeste, passaram a comprar escravos do Nordeste e das Minas para suprir a falta de mão-de-obra nos plantios de café. Só que esta solução foi insuficiente. A partir da decretação da Lei Eusébio de Queiroz, que colocava um fim no tráfico negreiro. Muitos escravos fogem das fazendas de café. Isso, fez com que estes trabalhadores (escravos), fossem substituídos pelos Imigrantes, principalmente alemães e italianos, que trabalhavam em troca de salários; terceiro, com a independência dos Estados Unidos. Grandes consumidores, os norte-americanos voltaram-se para o nosso produto, chegando a consumir mais de 50% de nossas exportações; quarto, como o café é uma planta sensível, exige chuvas distribuídas e solo especial. Estas condições só foram possíveis nas regiões Sul e Sudeste do País, principalmente no Vale do Paraíba, e no Oeste paulista.

No Vale do Paraíba, o café atingiu o seu auge em 1870. Sua exportação se fazia pelo Porto do Rio de Janeiro.

Esgotadas essas terras — consequência da erosão e da exploração sem cuidado —, o café partindo de Campinas, conquistou o Oeste de



ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOZO DA SILVEIRA  
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASÍL  
PROFESSORA: MARIA DAS GRAÇAS SOBREIRA  
TURMA: 6ª A TURNO: NOITE  
ESTAGIÁRIA: ADELÂNDIA GOMES FARIAS

### A INDÚSTRIA NO SEGUNDO REINADO

As primeiras tentativas de se implantar indústria no Brasil de pois do Alvará de Liberdade Industrial, decretado por D. João VI em 1808 fracassaram.

Várias foram as razões do fracasso:

- \* A deficiência de energia, consequência da qualidade inferior de nosso carvão e das condições precárias de exploração;
- \* A insuficiência da siderurgia, pois apesar de nosso território, ter enormes reservas de ferro, elas eram de acesso e exploração difíceis no século passado;
- \* A deficiência dos mercados consumidores, já que na época a população era pouca e dispersa, com baixo padrão de vida e de consumo;
- \* A falta de capital disponível;
- \* A falta de uma política protecionista;
- \* A concorrência com os produtos importados;
- \* A falta de uma mentalidade empresarial. A aristocracia mesmo concentrando nas mãos a riqueza do País, possuía ainda uma mentalidade rural e escravista;
- \* A falta de importação de maquinários; o Brasil tinha que ser um País consumidor e não produtor, segundo a Inglaterra.

Contudo, por volta de 1850, ocorreu o 1º surto industrial, graças às emissões de moeda, ao capital oriundo do fim do tráfico negreiro (muitos traficantes iriam, a partir de então, aplicar dinheiro em outras atividades econômicas, como por exemplo a indústria) e ao "protecionismo" originado com a Tarifa Alves Branco.

A elevação das tarifas alfandegárias oferecia aos nossos produtos maiores possibilidades de concorrência com os importados.

A partir de 1870, ocorreu um novo surto industrial, graças ao capital provindo do setor cafeeiro e ao desenvolvimento do mercado consumidor interno, cujo principal responsável foi o imigrante.

Em 1874 surgiram no Brasil inúmeras fábricas de fiação, tecelagem e alimentos. Num total de 175 fábricas; 10 anos mais tarde, já havia 635. Nelas era utilizado exclusivamente o trabalho assalariado.

As indústrias iam se instalando em lugares de boa concentração populacional, como Rio de Janeiro e Minas Gerais, pois necessitavam de mão-de-obra para o trabalho e de mercado para seus produtos. Foi grande o crescimento da população. Em 1822 havia cerca de 3 milhões de brasileiros; em 1890 esse número elevava-se para 14 milhões.

Cidades como São Paulo e Rio de Janeiro desenvolveram-se. Em todas elas houve uma melhoria dos serviços públicos: iluminação a gás, bancos, bondes, fábricas etc.

Apesar do desenvolvimento das cidades, a economia brasileira continuava voltada basicamente para o mercado externo e dependente, como desde os tempos coloniais, de produtos que eram vendidos na Europa.

Escola Estadual de 1ª e 2ª Grau Ademar Velozo da Silveira- Bodocongô  
 Professora: Maria das Graças Sobreira  
 Disciplina: História do Brasil  
 Série: 6ª A Turno- Noite  
 Estagiária: Adelândia Gomes Farias

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

Caça-Palavras:

AGUIRRE

ARGENTINA

BRASÍL

DUQUE DE CAXIAS

ESCRAVISMO

EXERCITO

INGLATERRA

ORIBE

PARTIDO BLANCO

PARTIDO COLORADO

PARAGUAI

QUESTÃO CHRISTI

REVERA

ROSAS

SEGUNDO REINADO

TRÍPLICE ALIANLA

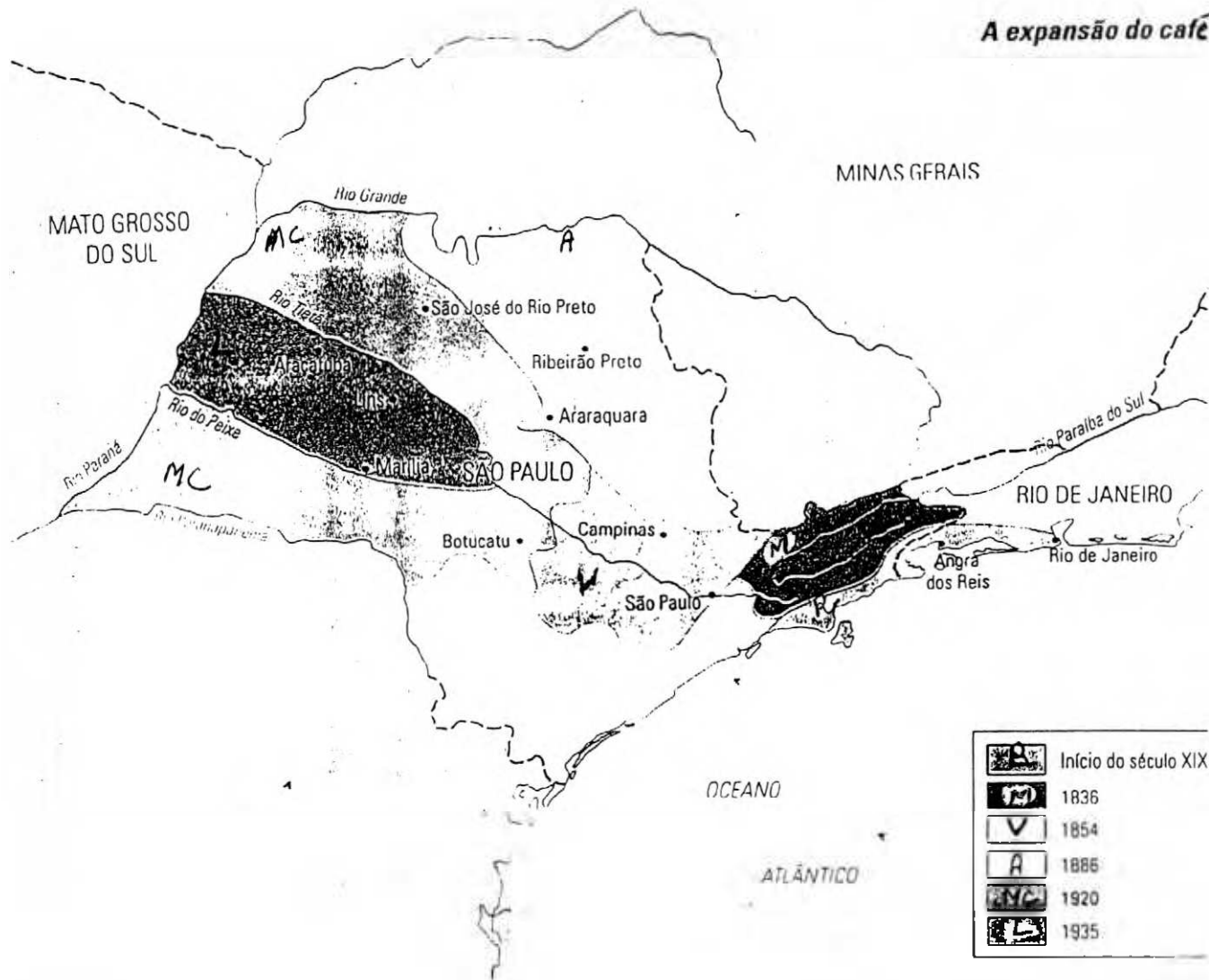
VENÂNCIO FLORES

A	B	E	F	G	K	M	O	I	K	L	M	P	Ç	U	M	L	A	A	B	V	D	E	R	F	G	I
G	O	E	G	I	R	J	R	K	I	Ç	Ç	E	Q	V	M	E	X	E	R	C	I	T	O	B	A	O
U	I	P	M	O	L	A	I	E	S	Z	X	Q	K	L	H	F	U	P	M	B	R	A	S	I	L	L
I	O	A	D	U	L	N	B	I	A	G	M	E	S	G	P	F	N	J	Ç	P	H	R	V	X	Z	
R	D	U	Q	U	E	D	E	C	A	X	I	A	S	P	M	O	P	A	R	A	G	U	A	I	I	P
R	O	H	I	N	G	L	A	T	E	R	R	A	M	S	N	A	R	B	H	O	O	L	K	J	T	L
E	W	S	Q	R	T	Y	U	Y	G	O	S	U	A	I	K	M	V	J	Y	H	S	Z	R	G	J	V
E	S	C	R	A	V	I	S	M	O	S	D	F	H	B	Y	T	U	J	Y	H	M	N	K	K	O	E
A	R	G	E	N	T	I	N	A	I	A	F	H	U	J	I	T	Y	U	G	F	F	D	E	R	T	A
H	B	Y	U	G	H	J	J	U	Y	S	P	A	R	T	I	D	O	C	O	L	O	R	A	D	O	A
H	D	Q	U	E	S	T	A	O	C	H	R	I	S	T	I	Y	H	J	I	I	L	K	P	L	O	P
S	E	G	U	N	D	O	R	E	I	N	A	D	O	G	U	J	K	I	N	M	B	V	C	C	Ç	Ç
F	H	T	R	I	P	L	I	C	E	A	L	I	A	N	Ç	A	B	N	M	K	I	O	V	X	Z	V
G	H	Y	Y	U	V	E	N	A	N	C	I	O	F	L	O	R	E	S	D	F	G	U	W	L	M	J
P	A	R	T	I	D	O	B	L	A	N	C	O	N	M	K	H	G	F	D	S	R	D	E	T	W	J
A	D	R	S	D	T	G	U	M	O	S	E	A	F	E	R	I	U	O	M	N	O	M	O	L	O	O

AS QUESTÕES PLATINAS



**A expansão do café**



Neste mapa podemos ver a expansão do cultivo do café desde o início do século XIX. Durante a primeira metade do século XIX as principais áreas de plantio estavam localizadas na província do Rio de Janeiro. Os impostos arrecadados pelo governo, graças à exportação de café, garantiam a sustentação financeira do Império de Pedro II. Na segunda metade do século XIX, o cultivo de café se expandiu, atingindo a região entre Campinas e Ribeirão Preto, o Oeste paulista. Santos era o principal porto de escoamento da produção paulista. Havia uma diferença marcante entre os produtores fluminenses e os paulistas: os fluminenses utilizavam mão-de-obra escrava e dependiam de capitais externos. Os paulistas, sobretudo os do Oeste, utilizavam mão-de-obra livre (imigrantes europeus e asiáticos) e contavam com capitais para desenvolver suas culturas.

## MAPA DO BRASIL

Tarefa: -Pinte os locais das revoltas no período regencial.

-Coloque um N no Norte, um L no Leste, um S no Sudeste e um O no Oeste do Brasil.

-Coloque um P onde está a Paraíba.



FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOME DO ESTAGIÁRIO: Adelândia Gomes Farias  
 LOCAL DE ESTÁGIO: Escola do 1º e 2º graus Ademir Veloso da Silva  
 CURSO: 1º grau SÉRIE: 6ª DISCIPLINA: História do Brasil  
 DATA: 14/07/98 HORÁRIO: 21:30h Nº DE ALUNOS: \_\_\_\_\_  
 ASSUNTO DA AULA: P. Reimado: aspectos políticos. - 1 aula

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo			
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo			
03. A metodologia atendeu à realidade da turma			
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades			
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente			
06. A linguagem atendeu ao nível da turma			
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo			
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo			
09. Houve entrosamento estagiário-aluno			
10. Houve distribuição racional do tempo			
11. O estagiário apresentou domínio emocional			
12. O estagiário teve domínio de classe			

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.  
 2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a es Ficha.

COMENTÁRIO: A aluna nesta última aula ficou sem o professor orientador, porque ele tinha compromisso agendado a um determinado tempo. Segundo conversa mantida no dia seguinte, a estagiária deu aula e comunicou que houve problema de indisciplina, disse que foi enérgica, pois a turma na maioria era do Pedregal, todos se acalmaram e ela conseguiu dar o texto elaborado e explicar em parte, para concluir a aula seguinte. Após terminar a aula, falou que foi uma verdadeira ansiedade o que fez a turma. Palavras ditas foi a tônica. A estagiária sentiu insegurança de estar só, após a aula e para chegar até o ponto da ônibus, foi necessário um aluno deixá-la. Ao sair da sala, ~~comunicou~~ disse que já não havia mais absolutamente influência na escola, em termos de professores e alunos. Professor orientador, portanto, por questões de justiça, não fez a avaliação. no avaliar, se estar presente?  
 C. Faria, 15/07/98  
 Prof. Polinário de Jesus

**FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS**

NOME DO ESTAGIÁRIO: Adelândia Lima Farias  
 LOCAL DE ESTÁGIO: Escola de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Alveira  
 CURSO: 9º grau SÉRIE: 3ª DISCIPLINA: História do Brasil Real  
 DATA: 14/07/98 HORÁRIO: 18:30 Nº DE ALUNOS: \_\_\_\_\_  
 ASSUNTO DA AULA: II Revolução: Aspectos Políticos - 2 aulas 18:50

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	Sim	2	
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	Sim	3	
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	Sim	2	
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	Sim	1	
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	Sim	2	
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	Sim	2	
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	Sim	2	
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	Sim	2	
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	Sim	2	
10. Houve distribuição racional do tempo	Sim	2	
11. O estagiário apresentou domínio emocional	Sim	2	
12. O estagiário teve domínio de classe	Sim	2	

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.  
 2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a es Ficha.

**COMENTÁRIO:** As aulas tem duração de 40 minutos. Estive em contato com a turma no dia 11 de julho, sexta-feira, dia que o professor da turma não compareceu porque realiza curso de especialização. A turma demonstrou muito interesse, principalmente com a perspectiva de se trabalhar em binômio. No 1º contato não houve aula.  
 Prof.ª Janete Maria dos Santos  
 Prof.ª Orientador de Prática

**FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS**

NOME DO ESTAGIÁRIO: Idelândia Gomes Farias  
 LOCAL DE ESTÁGIO: Cada de 1º e 2º anos Ademar Veloso da Silveira  
 CURSO: 1º grau SÉRIE: 6ª DISCIPLINA: História do Brasil  
 DATA: 17.07.98 HORÁRIO: 20:10h Nº DE ALUNOS: 36 alunos  
 ASSUNTO DA AULA: II. Revolução Política Interna: A Maioridade e Partidos Políticos  
Texto: Litura e explicação do mesmo.

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	2		
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	2		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	2		
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	2		
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	2		
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	2		
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	2		
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	2		
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	2		
10. Houve distribuição racional do tempo	2		
11. O estagiário apresentou domínio emocional	2		
12. O estagiário teve domínio de classe	2		

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.

2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a esta Ficha.

**COMENTÁRIO:** Foi realizada leitura e explicação do texto. Apenas dois alunos conversavam no final da classe. Turma difícil de controlar, mas é muito barulhenta. Apesar do fato, a turma na base de 99% participou da aula, fazendo perguntas e lendo o texto. A reação dos alunos é positiva. A estagiária procurou criar um jogo que conversava para sentar nos dois lados e foi atendida, nela conversava que realizava o <sup>interessante</sup> que a estagiária conseguiu fazer com que a turma fizesse silêncio, sem solicitando a todo tempo silêncio. Profº. Orientador de Prática a <sup>continuar</sup> da leitura foi possível fazer ao texto. Apesar do tempo exigido, foi entretido o questionário e a turma participou bastante do diálogo, demonstrando interesse. Para se ter uma ideia, após 5 minutos sobre silêncio, o orientador não fez intervenções.



**FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS**

NOME DO ESTAGIÁRIO: Adeláudia Fomes Laires  
 LOCAL DE ESTÁGIO: Escola de 1º e 2º graus Alameda Veloso da Silva  
 CURSO: 3º grau SÉRIE: 3º DISCIPLINA: História Geral e do Brasil  
 DATA: 17.07.98 HORÁRIO: 19:00h Nº DE ALUNOS: \_\_\_\_\_  
 ASSUNTO DA AULA: Plano de Política Externa 9 aulas

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	2		
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	2		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	2		
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	2		
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	2		
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	2		
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	2		
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	2		
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	2		
10. Houve distribuição racional do tempo	2		
11. O estagiário apresentou domínio emocional	2		
12. O estagiário teve domínio de classe	2		

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.

2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a esta Ficha.

COMENTÁRIO: *A estagiária demonstrou preocupação com a turma ao falar uma única vez exigindo silêncio. A turma é muito boa, inteligente e educada e não dá trabalho. Após esta aula o professor orientador conversou com a estagiária pois ela se mostrou mais amável, porque a turma tem gosto e interesse.*

Prof. Adalberto de Jesus  
 Prof. Orientador de Prática

**FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS**

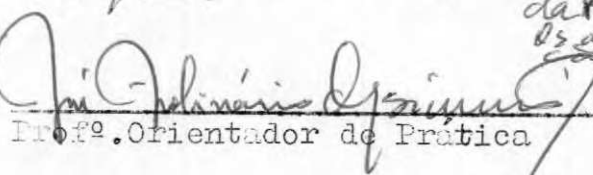
NOME DO ESTAGIÁRIO: Ade Lindia Funes Taries  
 LOCAL DE ESTÁGIO: Escola de 1ª e 2ª fase Ademar Veloso da Silva  
 CURSO: 1º fase SÉRIE: 6ª DISCIPLINA: História de Brasil  
 DATA: 21/07/98 HORÁRIO: 20:50 R Nº DE ALUNOS: \_\_\_\_\_  
 TÍTULO DA AULA: II Reunido: Parlamentarismo

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	2		
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	2-3		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	2		
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	2		
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	2		
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	2		
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	2		
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	2-3		
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	2		
10. Houve distribuição racional do tempo			
11. O estagiário apresentou domínio emocional	2		
12. O estagiário teve domínio de classe	2		

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.

2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a es Ficha.

**COMENTÁRIO:** A estagiária recebeu inicialmente os exercícios daqueles que apontaram. Depois iniciou a exposição. A isto chegou a ameaçar os alunos com notas pelo comportamento. Na a turma se acomodou pela presença psicológica. Quando começou a falar, os alunos da aula mesmo a turma prestou atenção. Os alunos reagiram a um intemperismo suave reações da estagiária, quando se referiu a derrotada do Brasil na Copa. "Gente presta atenção!" Foi repetida 3 vezes. falou que na próxima aula, "vou trazer um texto" e que responder tudo bem!

*C. F. F. 21-07-98*  
  
 Prof. Orientador de Prática

**FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS**

NOME DO ESTAGIÁRIO: Idelândia Souza Farias  
 LOCAL DE ESTÁGIO: Escola Estadual de 1º e 2º graus Alameda Francisco de Lima  
 CURSO: 2º grau SÉRIE: 3ª A DISCIPLINA: História do Brasil  
 DATA: 21/7/98 HORÁRIO: 18:50 Nº DE ALUNOS: 037  
 ASSUNTO DA AULA: II Reinado e Política Interna e Externa

*2 aulas*

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	2		
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	2		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	1		
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	1		
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	2		
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	1		
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	2		
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	2		
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	1		
10. Houve distribuição racional do tempo	2		
11. O estagiário apresentou domínio emocional	1		
12. O estagiário teve domínio de classe	1		

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.

2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a esta Ficha.

COMENTÁRIO: A alguns alunos antes de falar escreveram o esquema no quadro. Depois disso, pois não havia 25% dos alunos na sala, depois chegaram. O Prof. Orientador realizou uma intervenção para explicar as Campanhas platinas ou o envolvimento do Brasil com países platinos.

Prof. Orientador de Prática

**FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS**

NO. E DO ESTAGIÁRIO: Idelândia Feres Farias  
 LOCAL DE ESTÁGIO: Esda Estadual de 1º e 2º graus Alameda V. de Sá  
 CURSO: 2º grau SÉRIE: 3ª A DISCIPLINA: História do Brasil  
 DATA: 24.07.98 HORÁRIO: 90h Nº DE ALUNOS: 36  
 TEMA DA AULA: Recursos: Exercícios, jogos, II. Reimado - Aspectos econômicos  
2 aulas

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	1		
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	1		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	1		
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	1		
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	1		
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	1		
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	1		
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	1		
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	1		
10. Houve distribuição racional do tempo	1		
11. O estagiário apresentou domínio emocional	1		
12. O estagiário teve domínio de classe	1		

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.

2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a es Ficha.

COMENTÁRIO: *sem comentário: foi a melhor aula até o presente. podendo afirmar "aula sem defeito" porque? - houve participação da turma, interesse, o estagiário se inspirou, se sentiu segura, foi clara, objetiva, com utilização do tempo de forma perfeita.*

Prof. Orientador de Prática  
*(Assinatura)*

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOME DO ESTAGIÁRIO: Adelândia Jones Leites  
 LOCAL DE ESTÁGIO: Escola Estadual de 1ª e 2ª graus Ademar Veloso da Silva  
 CURSO: 1º grau SÉRIE: 6ª série DISCIPLINA: História do Brasil e atual  
 DATA: 28.07.98 HORÁRIO: 2h30 h Nº DE ALUNOS: 25 presentes  
 ASSUNTO DA AULA: II Período: "Economia" (Cafeceria) Política Externa

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	1		
02. A sequencia conduziu a compreensão do conteúdo	3		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	2		
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	2		
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	1		
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	1		
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	3		
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	1		
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	1		
10. Houve distribuição racional do tempo	2		
11. O estagiário apresentou domínio emocional	2		
12. O estagiário teve domínio de classe	3		

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.

2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a esta Ficha.

COMENTÁRIO: Foi entregue um texto à turma, cuja exigência do tempo, levou ao início imediato da leitura por parte dos alunos. Estes fizeram silêncio. A professora da turma estava presente. A leitura foi várias vezes interrompida por falta de silêncio e a estagiária se preocupou muito com a atenção da turma acompanhando a leitura do texto. Após algumas dúvidas, tiradas em relação a questões da compreensão do quando iniciou o século XIX. A turma deu respostas por conta de uma pergunta: quando depois do século XIX, vem que século?

*Prof. Orientador de Prática*

**FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS**

NOME DO ESTAGIÁRIO: Adelândia Feres Farias  
 LOCAL DE ESTÁGIO: Escola de 1ª e 2ª graus Ademar Voloso da Libeira  
 CURSO: 1º ano SÉRIE: 6ª DISCIPLINA: História do Brasil  
 DATA: 04.08.93 HORÁRIO: 21:00h Nº DE ALUNOS: 35  
 ASSUNTO DA AULA: O Renascimento externo: a guerra do Paraguai

1 aula

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	2		
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	2		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	2		
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	2		
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	2		
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	2		
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	2		
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	2		
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	2		
10. Houve distribuição racional do tempo	2		
11. O estagiário apresentou domínio emocional	2		
12. O estagiário teve domínio de classe	2		

24 alunos presentes faltou

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.

2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a esta Ficha.

COMENTÁRIO: O silêncio raro pairou na turma, mas nos minutos da estagiária se fez pela primeira vez conseguiu com jeito domínio total, iniciou a leitura do texto e explicando. Porém a leitura foi interrompida pela entrada de outros alunos. Os exercícios, com palavras cruzadas e pitadas de mapas, não vou bastante a turma. No exercício de "catalpa palavras", a estagiária escreveu no quadro as palavras mais legais no texto. O exercício de "catalpa palavras" fez a turma se concentrar de forma espantosa. "Aprender brincando" e "outra coisa".

Prof. Orientador de Prática

**FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS**

NOME DO ESTAGIÁRIO: Adelândia Cruz Farias  
 LOCAL DE ESTÁGIO: Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso de Oliveira  
 CURSO: 2º grau SÉRIE: 3ª DISCIPLINA: História Geral e do Brasil  
 DATA: 04.09.93 HORÁRIO: 1850h Nº DE ALUNOS: 35  
 ASSUNTO DA AULA: O Resumo: do Trabalho, Ocorrência ao Livro e Sociedade Impied

*02 aulas*

QUESTÕES	AVALIAÇÃO	
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	2	
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	2	
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	2	
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	2	
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	2	
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	2	
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	3	
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	2	
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	2	
10. Houve distribuição racional do tempo	2	
11. O estagiário apresentou domínio emocional	2	
12. O estagiário teve domínio de classe	2	

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.  
 2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a es Ficha.

COMENTÁRIO: *A aluna escreveu o resumo no quadro apor de entrosar o texto. Iniciou a exposição e foi clara. Cerca de metade de da turma estava fazendo um exercício para a aula seguinte de outra disciplina. Tarefa que levou a dispersão de parte da turma.*

*Prof. Orientador de Prática*  
 \_\_\_\_\_  
 Prof. Orientador de Prática

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOME DO ESTAGIÁRIO: Adelândia Feres de Farias  
LOCAL DE ESTÁGIO: Escola de 1º e 2º grau Ademar Veloso da Lins  
CURSO: 2º grau SÉRIE: 3ª DISCIPLINA: História Geral do Brasil  
DATA: 18/8/98 HORÁRIO: 19h Nº DE ALUNOS: 34  
AUSENTO DA AULA: \_\_\_\_\_

*2 aulas*

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo			
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo			
03. A metodologia atendeu à realidade da turma			
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades			
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente			
06. A linguagem atendeu ao nível da turma			
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo			
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo			
09. Houve entrosamento estagiário-aluno			
10. Houve distribuição racional do tempo			
11. O estagiário apresentou domínio emocional			
12. O estagiário teve domínio de classe			

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.  
2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a es Ficha.

COMENTÁRIO:

\_\_\_\_\_  
Profº Orientador de Prática



FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOME DO ESTAGIÁRIO: Adelândia Jones de Farias  
 LOCAL DE ESTÁGIO: Escola de 1º e 2º graus Ademar Valoz da Queiroz  
 CURSO: 1º grau SÉRIE: 6º DISCIPLINA: História do Brasil  
 DATA: 28/8/98 HORÁRIO: 1430h Nº DE ALUNOS: 35  
 ASSUNTO DA AULA: Guerra do Paraguai

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	1		
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	1		
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	1		
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	1		
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	1		
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	1		
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	1		
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	1		
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	1		
10. Houve distribuição racional do tempo	1		
11. O estagiário apresentou domínio emocional	1		
12. O estagiário teve domínio de classe	1		

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.

2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a esta Ficha.

COMENTÁRIO: Observei que a estagiária conquistou a turma toda numa das aulas. Os alunos necessitam de bom relacionamento: atenção, carinho, afeto e serem valorizados pelo professor. A presença da professora não é inapreciável à turma, dando a impressão que eles são importantes. prof.

Profº Orientador de Prática

**FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS**

NOME DO ESTAGIÁRIO: Adelândia Gomes de Farias  
 LOCAL DE ESTÁGIO: Escola de 1º e 2º graus, Alameda Volcan da Ilhéua  
 CURSO: 2º grau SÉRIE: 3ª DISCIPLINA: História do Brasil feudal  
 DATA: 28/8/98 HORÁRIO: 19:30 h Nº DE ALUNOS: 34  
 AVALIAÇÃO DA AULA: redaç para o vestibular

1 aula, 3  
 1 aula, este-  
 1 aula, feiras

QUESTÕES	AVALIAÇÃO		
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo			
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo			
03. A metodologia atendeu à realidade da turma			
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades			
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente			
06. A linguagem atendeu ao nível da turma			
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo			
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo			
09. Houve entrosamento estagiário-aluno			
10. Houve distribuição racional do tempo			
11. O estagiário apresentou domínio emocional			
12. O estagiário teve domínio de classe			

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.  
 2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a es Ficha.

COMENTÁRIO: *foi conversado com o aluno sobre redaç para o vestibular, mediante um pequeno teste com dicas. Este passo ficou a cargo do Professor Orientador. Por 3 semanas-feiras assim procedemos, uma vez que o professor da cadeira não dá aula neste dia, por que faz curso de Especialização.*

Profº. Orientador de Prática *C. F. Almeida, 28/8/98*  
*prof*  
*Adelândia*

## Parcer final

Analisando o presente relatório, na qualidade de Professor Orientador, afirmo que a aluna tem sobejas condições de aprovação no estágio que realizou, pelos seguintes motivos:

- a) tem domínio de conteúdo;
- b) força de vontade em aprender a ser profissional;
- c) teve sucesso no trato com alunos da escola;
- d) soube ser receptiva e adequada à sala de aula;
- e) conquistou e conquistou confiança do alumnado com facilidade;
- f) tem criatividade e percebe a realidade com facilidade

Face ao exposto, minha nota final é  
- nove - 9,0 -

Campina Grande, 19/10/98

Ju. Joviniano D'Amorim  
Prof. Orientador